

Biologia e política: eugenismos de ontem e de hoje

Um homem sério de consciência, ao levantar questões éticas urgentes está a querer dizer que podem existir algumas coisas que os homens nunca deveriam fazer. As coisas boas que os homens fazem só se tornam completas pelas coisas que se recusam a fazer.

Paul Ramsey, *Fabricated Man*, 1970

Florescendo entre 1880 e 1940, o movimento eugenista (numa primeira fase no Ocidente, depois em todo o «mundo civilizado», tornando-se um «movimento social global», a que poderíamos chamar o movimento eugenista clássico) advogava e trabalhava arduamente em prol de transformações nas instituições e práticas reprodutivas para controlar tanto a quantidade como a qualidade, mas especialmente a qualidade das populações. Era conduzido por um sentimento de urgência, na crença de que os *stocks* genéticos em termos étnicos, nacionais, civilizacionais e talvez até da própria espécie humana (e certamente consideravam os seus países como a vanguarda da espécie, do progresso, e, por extensão, como a vanguarda cósmica, por assim dizer) estavam a deteriorar-se continuamente, devido, também segundo eles, à redução ou suspensão ou abolição da selecção natural darwiniana nessas sociedades, causada pelos sistemas de saúde pública e de protecção social, a legislação laboral¹ e os avanços da biomedicina.² Se o contexto inicial do eugenismo foi a sociedade industrial, devemos

¹ Mesmo a proibição legal do trabalho infantil foi condenada pelo eminente cientista e eugenista Karl Pearson.

² Podemos citar o próprio Darwin, segundo Alfred Russel Wallace: «In one of my last conversations with Darwin, he expressed himself very gloomily, on the ground that in our modern civilization natural selection had no play, and the fittest did not survive» (*apud* Kevles 1995, 90).

notar que o seu impacto não foi mínimo em alguns países subdesenvolvidos, onde se procurava antecipar os males diagnosticados.³

De certo modo, o eugenismo clássico pode ser visto mais como um combate contra a disgenia populacional através de um controlo racional da reprodução, do que como uma visão optimista das possibilidades do melhoramento genético da espécie, ou das nações, embora esta visão também fosse amplamente partilhada por esse movimento, apesar da sua heterogeneidade. Tratava-se de uma convicção firme e generalizada da ocorrência de uma tendência disgénica persistente – senão mesmo de uma lei ou quase-lei tendencial de empobrecimento genético ou de desacumulação do capital genético humano das nações avançadas e da civilização, a longo prazo⁴ – nas condições sócio-políticas prevalentes, inclusive a democracia política e o sufrágio universal, no sentido de o eleitorado consistir em praticamente toda a população nacional adulta.⁵ Essencialmente, tal dever-se-ia à maior fertilidade persistente dos menos inteligentes que a dos inteligentes (supondo a inteligência substancialmente hereditária). Essa convicção foi raramente negada pelos geneticistas eugenistas. A preocupação com o facto de as taxas de fertilidade das classes de menor renda económica serem superiores às das classes médias (de estatuto sócio-económico mais elevado) nos países industrializados, e supostamente a consequente degradação do respectivo *gene pool*, tem sido uma das grandes constantes de toda a história do eugenismo em todas as suas fases e persiste nos nossos dias (às vezes, falava-se até de «selecção natural perversa»). Esta tese do declínio do capital genético, ou da forte tendência neste sentido, foi reiterada, no essencial, depois da época do eugenismo clássico, pelo geneticista americano H. J. Muller (Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1946) nos anos 50 e 60, muito crítico da

³ Por exemplo, a Roménia, um caso muito bem analisado por Bucur (2002).

⁴ Houve, por exemplo, uma grande preocupação na década de 1920 com o suposto declínio da inteligência nacional no Reino Unido na base de medidas de QI às populações escolares.

⁵ As perspectivas eugenistas foram amplamente partilhadas por um grande número de intelectuais, especialmente escritores, entre os quais muitos dos grandes nomes da literatura em língua inglesa, das décadas de 20 e 30 do século xx. Carey (1992), lista muitos nomes e muitas citações que exemplificam esta tese: o eugenismo nestes autores era associado também ao desprezo pela cultura de massas e a plebeização, senão a lumpenização, dos gostos estéticos. Aliás os grandes nomes do Modernismo simpatizavam com a direita, e em especial com a direita radical, não-democrática, anti-democrática, e mesmo quando eram supostamente socialistas, ainda assim eram muitas vezes eugenistas ferrenhos e incansáveis na sua doutrinação, como Bernard Shaw.

sociedade capitalista, e há poucos anos por um dos mais brilhantes teóricos evolucionistas neodarwinianos do nosso tempo, o biólogo inglês W. D. Hamilton⁶ (considerado por Dawkins, por exemplo, como quase um segundo Darwin), nem um nem outro racistas, devemos tornar claro, sem falar de outros biólogos e psicólogos distintos (nos EUA, no Canadá e no Reino Unido, em especial).

Verificamos, assim, mais de cem anos de reiteração desta tese. No entanto, segundo uma constatação recente, os níveis de inteligência geral medida pelos testes de QI,⁷ têm aumentado regularmente, década após década, nos países industrializados nos últimos setenta e cinco anos (desde 1932): três pontos de QI por década. Uma boa notícia, que deixa muitos incrédulos, além dos paradoxos que parece suscitar (seremos, pois, muito mais inteligentes que os nossos avós?). Os determinantes desta tendência não estão bem esclarecidos. Em geral, descarta-se a hipótese de ser alguma mudança genética ou a seleção natural que promovem esta tendência, porque estão em causa ainda poucas gerações, sem tempo suficiente para a evolução biogenética.⁸ A maioria das conjecturas aponta para factores não-genéticos como a qualidade da alimentação, a expansão da educação/escolarização e da literacia/numeracia (tendo em conta também a plasticidade cerebral), o melhoramento da saúde geral (especialmente a saúde e o «capital fisiológico» das mulheres grávidas que é conducente a um melhor ambiente intra-uterino),⁹ e até a difusão das novas tecnologias de comuni-

⁶ Numa colectânea publicada postumamente: *Narrow roads of gene land*, em dois volumes, Oxford 2002. W. D. Hamilton morreu em 2001.

⁷ Os testes evoluíram bastante com a pretensão de se tornarem *culture-free*, dado o viés óbvio das versões aplicadas, por exemplo, nas Forças Armadas dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Estes testes levaram à conclusão de que a «idade mental» média dos americanos era, na altura, de 13 anos! Lembro-me de que, algumas décadas antes, se dizia que as melhores tropas de infantaria do Exército da Grã-Bretanha deveriam ser recrutadas entre *high-grade mental defectives*.

⁸ No entanto, pelo menos um cientista tem defendido esta hipótese, dada a tendência secular para o aumento do neocórtex, a que, curiosamente, na Era do Capital, ninguém ainda chamou o aumento do «capital cerebral» (embora se fale muito do «capital cognitivo», do conhecimento como capital, da capitalização do conhecimento científico, e do capitalismo de conhecimento, e também do capital fisiológico, do capital espiritual, do capital natural, do capital social, aliás em sentidos bem variados, do capital moral, etc.): (Sorfer 1999, 153)

⁹ A expressão «capital fisiológico» deve-se a Robert Fogel, autor ou co-autor de estudos sobre a evolução humana desde a Revolução Industrial, segundo critérios antropométricos, o mais óbvio dos quais é a estatura, que tem aumentado bem visivelmente em todos os países industrializados desde o fim do século XIX (embora a ambição dos pais americanos continue a ser que os seus filhos sejam ainda mais altos, por meio de hormonas de crescimento, ou por meios genéticos).

ção e de informação. De facto, a inteligência não-verbal é a que tem registado os maiores aumentos. Seja qual for a explicação (ou a combinação de factores explicativos) mais plausível, trata-se de uma macro-tendência psicossocial não reconhecida até recentemente: o primeiro artigo do filósofo-psicólogo James Flynn identificando esta tendência na base de uma meta-análise da literatura científica sobre o assunto data de 1984, e a macro-tendência (embora raramente listada entre os *mega trends* do nosso tempo por futurólogos, futuristas ou sociólogos) tem sido confirmada por estudos posteriores, dele e de outros autores. O «efeito Flynn» tem sido disputado por alguns psicólogos, e os resultados em que se baseia rejeitados como um artefacto dos próprios testes,¹⁰ mas mesmo assim continua a estimular reflexões sobre o assunto, que continua em aberto.

R. Lynn é um dos eugenistas mais sistemáticos do nosso tempo, com numerosos estudos de psicometria a seu crédito.¹¹ Poderíamos chamá-lo um eugenista neoclássico, porque segue a tradição eugenista dos anos 30, na sua abordagem geral. O autor argumenta que, se este «efeito Flynn» é real – o que já é uma concessão importante da parte de um especialista de psicometria –, tal se deve exclusivamente a factores ambientais, que não poderão disfarçar por muito mais tempo a deterioração genética em curso nas populações em questão. Conclui, pois, que essa elevação do QI nos últimos sessenta ou setenta anos não poderá continuar nas próximas décadas nos países desenvolvidos; e que a lei tendencial de empobrecimento genético subjacente das nações industrializadas e conseqüentemente do declínio da inteligência geral devida à suspensão da selecção natural irá voltar a afirmar-se claramente.¹² A tese de Lynn baseia-se na presunção de um alto coeficiente de hereditariedade da inteligência geral: os eugenistas desta escola referem um coeficiente de hereditariedade de 0.8, ou pelo menos entre 0.4 e 0.8, conjugando a crença num suposto coeficiente assim tão alto (valor contestado, tanto mais que varia com o estatuto sócio-económico) com a crença da importância crucial da inteligência geral para a personalidade e capacidades dos indivíduos. Todas e quaisquer mudanças

¹⁰ Para uma discussão cuidadosa, ver o livro recente de Flynn (2007).

¹¹ Lynn 1996. A biometria, e especialmente a psicometria, nos últimos setenta anos, têm sido uma especialidade de cientistas eugenistas, como foram os que fundaram as duas disciplinas e a estatística matemática.

¹² E de facto há indícios de que esta tendência não está a ser continuada, nos países industrializados, como o próprio descobridor do efeito já tinha previsto. No entanto, o avanço dos QI continua nos países em desenvolvimento, e portanto a longo prazo seria de esperar um nivelamento dos QI nacionais através do mundo.

não-genéticas (quer discretas, quer cumulativas ou sinérgicas, tais como as técnicas de modificação comportamental, melhores pedagogias, a melhoria da saúde das populações, a melhor nutrição, estilos de vida mais saudáveis, ou mesmo a neurotecnologia, etc.) seriam incapazes de melhorar a situação a longo prazo. E se tivermos em conta as supostas conexões causais entre o QI e a riqueza das nações, ou entre o QI mediano e o PIB (Produto Interno Bruto) ou o PNB (Produto Nacional Bruto) *per capita* (se estas, de facto, representarem mais do que correlações estatísticas),¹³ o assunto torna-se ainda mais urgente. Especialmente numa época de globalização, com a orientação radical dos Estados, da ciência e das universidades, especialmente as universidades de pesquisa, para assegurar vantagens competitivas e a criação de riqueza... *la richesse d'abord!, l'économique d'abord!* Sendo assim, só a manipulação genética à maneira do novo eugenismo nos poderia salvar, especialmente se fosse possível acelerá-la, ou se pudessemos realizar a clonagem em massa dos superinteligentes. Existiria ainda a alternativa de abdicarmos da nossa inteligência periclitante (colectivamente falando) em prol das máquinas inteligentes e eventualmente superinteligentes, ou dos «artilectos» (Hugo de Garis) com o seu processo de «explosão da inteligência (artificial)» (delineada pelo matemático I. J. Good). Estas seriam os veículos do progresso *depois de nós*. Essa via não estaria sujeita às leis da biogenética, mas à «lei de Moore»: a tendência para a aceleração do crescimento das capacidades computacionais de armazenagem e processamento de informação e, como corolário a aceleração da aceleração, a hiperexponencialidade desse crescimento (Martins 2003).

Seja como for, esta tese de deterioração genética intergeracional era muito congruente entre 1880 e 1939, mais ou menos, associada à síndrome «palingenética» revelada no fascismo (e não só), e às visões degeneracionistas da civilização contemporânea em geral. Não será coincidência que a temática da «degeneração», em todos os sentidos, moral, espiritual, artística, biológica, sexual, demográfica, geológica, ambiental, no mundo ocidental, se difundiu na Europa ao mesmo tempo que o eugenismo. A tese prendia-se com o argumento de que os sistemas de protecção social (estatal ou não-estatal), o humanitarismo e os sentimentos de compaixão para com os inaptos geravam uma

¹³ Flynn e Vanhanen 2002. Segundo este estudo, embora o QI seja o melhor predictor da riqueza nacional, globalmente falando, há dois conjuntos de países que divergem por não terem a riqueza que o QI lhes devia garantir (China) ou por gozarem de mais riqueza que o QI faria prever (França, por exemplo).

espécie de selecção negativa. Os inaptos putativos nessa literatura abrangiam pelo menos as seguintes categorias: os indigentes, os deficientes físicos e mentais, os epilépticos, os que sofriam de doenças mentais,¹⁴ os «deficientes morais», os «sem-abrigo», os vagabundos, os cegos e os surdos hereditários, os órfãos, os alcoólatras (supostamente uma condição hereditária), os criminosos (especialmente os recidivistas), os que sofriam de doenças crónicas, os *unemployables* por uma razão ou outra, os pais de famílias muito numerosas, que fossem pobres.¹⁵ Estas categorias eram bastante heterogéneas, vagas, artificiais e elásticas. A nosologia das «doenças mentais» podia abranger, como ainda ocorre hoje em certos países, tanto os «desviantes» sexuais como os dissidentes políticos ou religiosos. Consideradas como hereditárias, mas sem base científica para esta imputação causal, estas categorias compunham o que se poderia chamar o «lumpenproletariado genético» do ponto de vista eugenista,¹⁶ ao que seria de juntar as chamadas «raças inferiores». Segundo os eugenistas clássicos, os sentimentos de piedade, simpatia e compaixão pelos miseráveis indignos inibiam de tal modo a selecção natural nas sociedades modernas, que os inaptos (*unfit*)¹⁷ sobreviviam e multiplicavam-se. A situação está ainda agravada pelo facto quase universal de as pessoas de nível intelectual superior (as classes médias, a que os eugenistas pertenciam e pertencem, na sua

¹⁴ Mesmo hoje em dia, alguns geneticistas, como o famoso James Watson, parecem concordar com a presunção da hereditariedade das doenças mentais, e, portanto, segundo ele, a necessidade de as eliminar por controlos genéticos (para o eugenismo clássico a medida mínima apropriada seria impedir que os doentes em questão se reproduzissem, senão eliminá-los mesmo, pelo menos pela omissão de tratamentos e de subsistência).

¹⁵ Os sujeitos involuntários de experimentos médicos perigosos foram especialmente recrutados nestas categorias sociais nessa época e até os nossos dias (Martins 2007). Recentemente, uma organização americana, o Instituto de Medicina associado à Academia Nacional das Ciências dos EUA, apelou para a redução das restrições no uso de prisioneiros como sujeitos humanos na investigação médica, pois, segundo a mesma fonte, a indústria farmacêutica e biomédica precisa de mais participantes nos ensaios clínicos e os bioeticistas já não são tão insistentes com respeito à exigência do consentimento informado prévio nos ensaios clínicos! (*Genetic cross-roads – Newsletter of the center for genetics and society*, June 29, 2007.)

¹⁶ Formas de «patologia social», expressão comum na sociologia até os anos 50 (Wootton 1959).

¹⁷ Embora a expressão «survival of the fittest» tenha sido cunhada por Spencer, foi adoptada por Darwin e o conceito de *fitness*, (*Darwinian fitness*) dos organismos que permanece crucial na teoria da evolução biológica. Pode parecer contraditório que, nas sociedades ocidentais, os inaptos se reproduzam mais do que os aptos, mas o sentido aqui é contrafactual, pois só nestas circunstâncias é que sobrevivem e se reproduzem: na ausência destes factores exógenos não sobreviveriam, não deixariam descendência, ou a sua progénie sucumbiria à selecção natural (mortalidade infantil, etc.).

grande maioria, pelo menos os eugenistas académicos, porque muitos milionários americanos apoiaram o eugenismo clássico financeiramente, pessoalmente ou através de Fundações, tanto nos EUA como em outros países, e pertenceram ou lideraram associações de índole eugenista) terem poucos filhos – um padrão de comportamento reprodutivo tão difícil de alterar que os próprios doutrinadores do eugenismo o partilhavam, ao mesmo tempo que o condenavam nos outros.¹⁸ A eliminação física dos inaptos não era viável, porém, pois eram demasiado numerosos (qualquer coisa como entre 15 a 30% da população, segundo muitos eugenistas). As guerras não eram suficientemente criteriosas em chacinar ou estropiar só os inaptos (só um ou outro eugenista fanático apoiava as guerras, supostamente por efeito benéficos globais). Portanto, *faute de mieux*, preconizavam-se mudanças nas *instituições* reprodutivas, nas leis, regulamentos e costumes, ditando quem não deveria casar com quem (normas de exogamia e endogamia), quem deveria ser encorajado ou não a deixar descendência, etc., chegando a condenar a monogamia como uma herança obscurantista do direito canónico da Igreja Católica e um dos maiores empecilhos à sobrevivência das classes inteligentes (as classes médias, de alto estatuto sócio-económico) nos regimes democráticos de liberdade de procriação. Por isso, um empecilho ao progresso. Especialmente, segundo os mesmos eugenistas, quando a sobressobrevivência e a sobreprodução dos «inaptos» é assegurada por sistemas de segurança social, subsídios de desemprego, ajuda às famílias numerosas indigentes, cuidados de saúde gratuitos, etc.

No entanto, os eugenistas clássicos divergiam quanto ao peso relativo que deveriam ter em cada estrato ou classe social a coacção estatal, por um lado, e os agentes persuasivos e dissuasivos (educação, propaganda, aconselhamento das famílias ou dos noivos – precursor do aconselhamento genético de hoje) pelo outro. Mesmo em países democráticos, como a Escandinávia ou os Estados Unidos da América (vinte e sete estados aprovaram leis de esterilização), as populações de

¹⁸ Os eugenistas clássicos, apesar da sua incessante propaganda filoprogenitiva para as profissões liberais e as classes médias, começando com o fundador, Francis Galton, que não teve filhos, em geral não tiveram uma prole numerosa, com uma ou outra excepção, como Ronald Fisher, eminente geneticista, e eugenista ferrenho, tanto que quase metade do seu tratado clássico sobre genética e evolução era dedicada a questões desse tipo (no entanto teve pouco tempo para dedicar à família de oito filhos com uma mesma mulher). E é verdade que, em geral, pediam a introdução de incentivos fiscais e outros apoios económicos para a reprodução dos supostamente mais inteligentes e portanto mais aptos, mas pouco favorecidos pela fortuna.

presos e pessoas internadas em asilos psiquiátricos foram um alvo preferencial de medidas de eugenia negativa, como a esterilização obrigatória, *de facto* ou *de jure*,¹⁹ o aborto obrigatório, ou a castração não-consentida, química ou anatómica, práticas que em alguns casos se prolongaram até à década de 70, pelo menos.²⁰ Num caso ou noutro, a legislação não foi proscrita até bem mais tarde. Ela permitia e incentivava a esterilização voluntária dos «inaptos» ou *unfit* (várias das categorias referidas acima). Vinte e nove países promulgaram legislação deste tipo (além do cantão de Vaud na Suíça). Os projectos de lei deste tipo apresentados no Parlamento britânico em 1912 – que contavam com o apoio de Winston Churchill, então deputado e *home secretary*, que tomou a iniciativa do projecto de lei, e fora do Parlamento com o apoio do major Leonard Darwin, filho de Darwin, e membro notável da *Eugenics Society* – mais tarde, em 1931 e 1932, foram derrotados. No primeiro caso, em parte, devido à eloquência de um deputado *quaker*, J. Wegwood (de uma família com muitos laços com os Darwin desde

¹⁹ Os emigrantes estrangeiros na província de Alberta no Canadá eram condenados à esterilização se tivessem um baixo QI, depois de terem sido submetidos a testes em inglês, língua que muitos deles não dominavam. Na lógica da Alemanha nazi, o aborto era proibido no caso das mulheres «arianas» e tendencialmente obrigatório entre as outras, aproximando-se do modelo das sociedades animais com uma casta reprodutora e uma casta estéril de trabalhadores (o casamento, e mesmo as relações sexuais, entre «arianos» e não-arianos eram proibidos). Tal seria viável desde que fosse importada mão-de-obra dos países conquistados, rigorosamente controlada, praticamente encarada, como aliás foi feito durante a guerra.

²⁰ Alguns políticos e outras pessoas na vida pública no Ocidente, em vários países, têm apelado em anos recentes para a esterilização obrigatória de determinadas categorias sociais, definidas em termos legais ou psiquiátricos, em parte com o argumento de que o Estado-providência não pode suportar os custos da sua descendência. Como argumento para a eutanásia, Peter Singer lembra os custos de manter pessoas com defeitos físicos e mentais em vida. Argumento curioso, porque se poderia pensar que a primeira reacção seria a da dor e da compaixão, além de que os custos privados poderiam ser suportados pelos ricos, cujos filhos não seriam alvo de eutanásia, e os custos para o contribuinte (que parecem ser os que estão em questão) seriam só os filhos dos pobres e dos menos abastados. Trata-se de um argumento repetido constantemente nos últimos cento e tal anos, por eugenistas de direita e de esquerda, clássicos e contemporâneos, com respeito às despesas públicas e aos custos para os contribuintes da protecção dos inaptos de todos os tipos, começando com os embriões já inaptos («vida indigna da vida», uma frase característica de todo o eugenismo alemão, antes e durante o nazismo); repetido em todos os regimes, em todos os períodos históricos desta época, em todas as fases da história dos estudos da hereditariedade e dos avanços da genética; repetidos no nosso tempo de proclamação de tantos direitos humanos universais e mesmo de direitos de seres não-humanos e mesmo de ecossistemas e montanhas. Em certas ocasiões, a exigência de esterilização foi formulada como um *qui pro quo* pela protecção social que é conferida em termos de assistência médica e económica a deficientes, doentes crónicos, pessoas que sofrem de doenças mentais, etc.

o século XVIII, e aliás sempre ligada tanto à ciência como ao comércio), e fora do Parlamento, devido à campanha de um publicista católico influente, G. K. Chesterton. Nos segundo e terceiro casos, devido à oposição católica, pelo menos em parte (R. Fisher, geneticista notável, tinha feito campanha pelo projecto de lei). O projecto de lei de 1912, o *Mental deficiency bill*, estipulava a esterilização obrigatória e a segregação dos deficientes mentais: o projecto de lei foi aprovado em 1913, mas sem essas cláusulas. Um dos mais ardentes defensores da esterilização compulsória no Reino Unido durante os primeiros trinta anos do século XX, e para uma porção muito substancial da população, foi o director da grande revista científica *Nature*, Richard Gregory.

A esterilização voluntária também era recomendada por eugenistas de vários quadrantes, e continuou a sê-lo até os nossos dias, em troca de pagamento ou de variadas concessões.²¹ Os diversos esquemas de financiamento propostos, porém, nunca chegaram a ser implementados numa escala significativa, e os números de genuínos voluntários foram sempre minúsculos. O físico W. Shockley (Prémio Nobel de Física), propôs o pagamento de mil dólares por cada ponto abaixo do IQ de 70, a cada voluntário para a esterilização (aliás, muitos eugenistas têm sugerido a esterilização ou outras formas de impedir a procriação de todas as pessoas com um QI de 70 ou menos). O economista ultra-liberal David Friedman (filho de Milton Friedman, mas talvez ainda mais radical) também propôs mais recentemente um esquema de esterilização voluntária a troco de pagamento, com o argumento de que quem se candidatasse a participar nesse esquema, provavelmente merecia o que pretendia (portanto nenhum teste prévio do QI seria necessário, o que simplificaria a administração do esquema).

A eutanásia não-consentida, preconizada especialmente por médicos e psiquiatras alemães a partir dos anos 20, para os sujeitos supostamente disgénicos, foi praticada em grande escala pela primeira vez na Alemanha nazi com crianças deficientes *Arianas I* (um facto muitas vezes omitido nas discussões sobre o eugenismo desse tempo). O uso de gases venenosos de que a Alemanha tinha sido pioneira na Primeira Guerra Mundial, por iniciativa do químico Fritz Haber, foi experimentado para matar estas crianças. Só depois dessa aprendizagem foram utilizados em muito maior escala nos campos de extermínio

²¹ Na Suécia, durante o seu período eugenista, era exigida, por exemplo, às jovens, como condição de poderem sair das escolas especiais para deficientes ou delinquentes, ou como condição de se poderem casar, e, portanto, só formalmente não era obrigatória.

para o assassinato de milhões de judeus, adultos e crianças (1941-1945) (Burleigh 1994).

Os eugenistas clássicos divergiam também quanto à ênfase que se deveria dar à «eugenia negativa» (isto é, a remediação e prevenção da disgenia) e à «eugenia positiva» (isto é, a promoção do aperfeiçoamento genético em gerações sucessivas, produzindo tipos humanos médios cada vez mais elevados em termos físicos, intelectuais e morais). A propaganda do controle de nascimentos ou de planeamento das famílias, na sua fase inicial, estava associada ao eugenismo como ao malthusianismo. Na doutrinação de Margaret Sanger, nos EUA, ou de Marie Stopes, no Reino Unido – as duas figuras mais proeminentes desses movimentos na época, as primeiras décadas do século XX –, era essencial que os inaptos não tivessem ou tivessem poucos filhos, como complemento da esterilização ou da segregação e detenção, além da prevenção de gravidezes indesejadas em todas as classes. A homeostase genética, o «estado estacionário» da qualidade genética de uma população (um conceito homólogo aos da demografia e da ciência económica), pelo menos como situação-limite, não era obviamente considerada viável nos Estados democráticos. As duas únicas opções eram ou a degradação genética constante, ou o aperfeiçoamento genético constante. Em geral, a eugenia negativa, coagida ou não, pareceu quase sempre mais urgente, mais fácil de implementar e com resultados mais directos do que a eugenia positiva, com o pacote esterilização/aborto/castração/segregação/detenção/eutanásia voluntária ou involuntária, e todos os desincentivos económicos, fiscais e outros, à reprodução dos inaptos. No entanto, a esterilização foi sempre a medida eugenista mais atraente para aplicar em massa, e tornou-se a assinatura universal das políticas de eugenia negativa nas democracias.

Quanto à eugenia positiva, a tese mais engenhosa e mais simpática, talvez, foi proposta pelo biólogo ou «naturalista» Alfred Russel Wallace, que descobriu, independentemente de Darwin, a importância da selecção natural como o mecanismo-chave da evolução biológica nos trópicos, mas sempre chamou à teoria moderna da evolução «darwinismo». Segundo ele – que era socialista e feminista – a emancipação económica (direito ao trabalho, direito à propriedade, acesso ao ensino superior e às profissões liberais) e social das mulheres permitir-lhes-ia pela primeira vez na história dos países ocidentais a escolha verdadeiramente livre de parceiros, especialmente de parceiros reprodutivos. Nessas condições, segundo o nosso autor, elas escolheriam com certeza os melhores parceiros para a procriação. Consequentemente, num processo de décadas e séculos, a riqueza genética das nações seria

progressivamente aumentada. Portanto, a *Mulher do Futuro*,²² a mulher emancipada, seria um factor importante da evolução biológica humana, no *upgrading* da espécie a partir do século XX.²³ De certo modo, podíamos dizer que, dado que a selecção natural genérica funcionava tão pouco nas nossas sociedades, Wallace apostava na selecção sexual para nos salvar, geneticamente falando. Esta tese, que poderíamos chamar de Teorema de Wallace, ou melhor (dado que nunca foi formalizada e incorporada numa teoria matemática da evolução humana) Hipótese de Wallace, tem sido pouco referida em anos recentes, quando de facto a emancipação económica, social e legal das mulheres deu alguns passos significativos em certos países e poderia talvez ser avaliada à luz de alguns dados empíricos.²⁴ A pobreza dos dados existentes, porém, não nos permite tirar conclusões razoavelmente bem fundadas e a questão não se colocaria hoje como muito interessante. Mas será talvez demasiado cedo para ver se a Hipótese de Wallace se confirma ou não (se, de facto, pode ser formulada de uma maneira testável): podemos considerar as nossas sociedades, na medida em que a emancipação feminina avança, como um laboratório de experimentação dessa magnífica hipótese.²⁵ Charlotte P. Gilman, uma

²² Um dos livros mais populares, senão o mais popular, na propaganda do Partido Social-Democrata alemão antes da Primeira Guerra Mundial, da autoria de um dos seus líderes, A. Bebel, era *A Mulher no Socialismo*, que encarava um futuro de emancipação legal e política feminina mas dando um relevo especial ao papel do progresso tecnológico na redução da carga doméstica das mulheres.

²³ Isto não quer dizer que Wallace não defendesse o valor *intrínseco* da emancipação económica e social das mulheres, o direito à realização de todas as suas capacidades, como seres humanos, independentemente das consequências benéficas colectivas, sociais, políticas ou eugénicas, que poderiam decorrer dessa emancipação. Seja como for, ele esperava que as consequências fossem optimísticas do ponto de vista biológico/genético global e mesmo do ponto de vista da felicidade geral.

²⁴ A experiência dos bancos de esperma nas últimas quatro décadas não prova que a escolha feminina de parceiros reprodutivos numa época de emancipação parcial seja brilhante em termos de um possível melhoramento da espécie, em termos de qualidades intelectuais – pelo menos na subpopulação das mulheres que recorrem a esses serviços. No entanto, segundo estatísticas recentes publicadas tanto no Reino Unido como nos EUA, há uma certa tendência para os homens evitarem casar-se com mulheres inteligentes, enquanto o contrário acontece com as mulheres: no Reino Unido, as chances de os rapazes se casarem aumentam 35% por cada 16 pontos de QI, e as chances de as jovens se casarem decrescem 40% por cada 16 pontos de QI (estudo britânico por investigadores de quatro universidades, citado no *Times online* 2, de Janeiro de 2005). Portanto os casais de alta inteligência não serão tão numerosos como os eugenistas recomendavam.

²⁵ No entanto, tanto para Wallace como para Darwin, o progresso da civilização acarretaria inevitavelmente o desaparecimento das «raças inferiores», o que provavelmente exigiria vários séculos (o desaparecimento dos nativos da Tasmânia, como de

economista americana progressista, formulou independentemente uma hipótese quase idêntica pouco depois.²⁶

Houve projectos eugenistas de encorajamento da aceitação de inseminação por voluntárias da classe média por «homens superiores» nos anos 30 na Inglaterra. Uma sugestão do eminente biólogo eugenista Julian Huxley (cujo livro com esse título consagrou o que ainda hoje se chama a *Modern Synthesis* da biologia evolutiva neodarwiniana) foi que, além dos filhos dos seus maridos, as mulheres da classe média em idade fértil pudessem ser persuadidas a terem pelo menos um filho com um homem muito inteligente/de alto capital genético, mesmo se fosse só devido a um encontro de uma noite, invocando, como o dramaturgo e ensaísta George Bernard Shaw, a moralidade superior do bem da espécie ou do bem da nação (o eugenismo nacionalista) ou da «raça» (o eugenismo racista), do progresso evolutivo, em termos genéticos, para justificar uma prática de adultério e de procriação ilegítima, a que poderíamos chamar «o adultério superior». Shaw insistia na necessidade da poliginia para os «homens superiores». A inseminação artificial simplificaria naturalmente o projecto de multiplicação da progénie dos «homens superiores» fora do casamento. Antes de H. J. Muller, tal já tinha sido concebido como uma

várias tribos de nativos americanos, por exemplo, sugeria um tal desfecho, embora ambos lamentassem e condenassem tanto as medidas brutais e violentas dos colonizadores, como a escravatura). Darwin falou de «exterminação» neste contexto (in *The descent of man*), sem condenação, talvez por se tratar de processos a longo prazo, e não de ocorrências abruptas contemporâneas. Darwin, Wallace e muitos publicistas ingleses dos fins do século XIX pensavam que o contacto com os civilizados, mesmo pacífico, induziria o colapso demográfico dos povos «bárbaros» e que a capacidade e a vontade reprodutiva desses povos seriam inferiores às dos civilizados. Nesta perspectiva, se a selecção natural *dentro* das nações avançadas tinha sido derrotada pelos sentimentos de comunidade moral e as medidas de protecção social geradas por estes sentimentos, a selecção natural *entre* as nações e as «raças» continuava a funcionar, e as nações avançadas iriam vencer e substituir as atrasadas, que iriam desaparecendo ou diminuindo (uma forma brutal de «selecção de grupos», pouco darwiniana, porque a selecção natural darwiniana, no sentido estrito, joga essencialmente com as diferenças *interindividuais* entre organismos, mais do que entre populações ou espécies). Sobre este tópico, ver o livro de Toye (2000) A perspectiva do «imperialismo social» do eugenista Karl Pearson e outros, protecção social dentro do país e imperialismo amoral fora do país, era convergente. No entanto, desde os princípios do século XX que os eugenistas, como o grande economista J. M. Keynes, começaram a falar do reverso, da fertilidade superior das nações «inferiores», e da «selecção natural perversa» favorecendo a sua propagação em detrimento das nações «avançadas»! A «selecção natural perversa» continuava *dentro* dos países avançados, com a persistência dos diferenciais de fertilidade entre os inaptos e o aptos, apesar de as taxas de natalidade decrescerem em ambos os sectores.

²⁶ Ver T. Leonard.

metodologia eugenista por alguns geneticistas, como o russo A. Seribríakov, que encarou a nova Rússia comunista como uma janela de oportunidade para a realização de um projecto desta natureza em grande escala, dado que tantos projectos revolucionários de transformação do Homem e da sociedade estavam a ser concebidos ou realizados e uma revolução sexual estava em curso. A ideia foi, aliás, retomada, em parte, mais tarde, por H. J. Muller, que propôs a criação de um banco de esperma, cujos doadores seriam, em primeira instância, solicitados entre os laureados com o Prémio Nobel. Foi uma ideia querida de H. J. Muller, que também ganhou o Prémio Nobel pelo seu trabalho sobre os efeitos mutagénicos das radiações ionizantes (descobertas que, aliás, o tornaram um opositor ferrenho dos testes nucleares na atmosfera, como aliás muitos outros cientistas americanos cujas campanhas foram um contributo significativo para a sua proibição por um tratado internacional). O *Repository for germinal choice* (só depois a expressão «banco de esperma» se difundiu, e a disponibilização de óvulos não tinha sido pensada, curiosamente para um feminista), foi instituído na Califórnia depois da sua morte, mas teve pouco êxito. Aliás, Muller e o financiador do projecto discordaram quanto aos critérios de escolha, pois para Muller, que foi sempre um intelectual de esquerda, o altruísmo devia contar, além da inteligência, na selecção dos doadores, porque considerava o altruísmo como uma das qualidades que mais se deviam incentivar para a nossa espécie. Mas, para o milionário filantropo e eugenista que financiou o projecto, só devia contar a inteligência, a mãe de todas as qualidades desejáveis (Plotz 2006; Kevles 1995). Os bancos de esperma na Europa, ou pelo menos na Inglaterra, como alguns em Nova Iorque, até há pouco tempo, dependiam muito dos estudantes de Medicina dinamarqueses e outros. Por enquanto, as agências de óvulos americanas registam uma alta procura dos gâmetas de mulheres de nível intelectual elevado (estudantes de Harvard e outras universidades famosas).

Com o mecanismo de avanço genético proposto por Wallace, o nível médio das pessoas nas gerações futuras chegaria eventualmente aos padrões dos mais talentosos e mesmo geniais humanos que jamais existiram. Esta noção de que o progresso tecnocientífico e/ou social é também um progresso biogenético (com ou sem o mecanismo identificado por Wallace) conduzindo a um patamar da espécie humana em que a pessoa média estaria a um nível superior foi repetida por Trotsky, para quem, num futuro socialista talvez não muito distante, o nível médio das pessoas poderia ser o de Aristóteles, Goethe ou Marx (que suponho não tivesse tido conhecimento da Hipótese de Wallace, e que não parece ter

tido muitos ecos no movimento socialista internacional ²⁷). A hipótese foi também sustentada, independentemente dos dois outros autores, por H. J. Muller, para quem a sociedade de igualdade de oportunidades era o *pré-requisito*, a condição prévia estrita para a implementação da eugenia positiva (posição partilhada por muitos na escola do «eugenismo reformista»). Para um socialista como ele, tal não seria por conseguinte viável nas sociedades capitalistas. Numa sociedade de igualdade de oportunidades, a eugenia positiva propiciaria, especialmente com a inseminação artificial, a propagação dos melhores, intelectual e moralmente, e conduziria a humanidade a patamares de qualidade equiparáveis ao dos génios do passado dentro de algumas gerações.

Nas décadas de 1920 e 1930 houve, nos países ocidentais, uma corrente socialista e até *marxisant* de eugenismo, simpatizantes da União Soviética, apesar de nos círculos socialistas se manifestar uma tendência forte para preferir o lamarckismo, no sentido da ponderação relativamente forte da hereditariedade dos caracteres adquiridos como um dos mecanismos da evolução biológica, especialmente a humana. ²⁸ O programa de eugenia positiva de Muller pressupõe que a igualdade de oportunidades supostamente reinante numa sociedade socialista permitiria uma clara revelação das diferenças de inteligência (ou outras qualidades relevantes determinadas por factores genéticos, pelo menos em parte), ao contrário do que ocorria nas sociedades capitalistas, onde os privilégios da hereditariedade social, da distribuição inigualitária da riqueza, da propriedade e do poder das classes privilegiadas abafavam os talentos verdadeiros. Muller foi trabalhar para a URSS (onde havia geneticistas eugenistas que simpatizavam com os ideais revolucionários) e chegou a propor a Estaline, numa carta que foi lida

²⁷ Embora, obviamente sem referência a Trotsky, a ideia persistiu na União Soviética no pós-guerra entre alguns teóricos do materialismo dialéctico soviético, mas não parece ter sido nem proscrita, nem particularmente celebrada como um dos grandes triunfos do socialismo.

²⁸ A distinção histórica entre darwinianos e lamarckianos no século XIX e até a emergência da «teoria sintética da evolução» na década de 1940, não era tanto entre a afirmação do papel da selecção natural e a aceitação da herança dos caracteres adquiridos (o próprio Darwin a aceitou) na evolução biológica, mas entre a tese da primazia da selecção natural, ou mesmo a sua exclusividade (o caso de Wallace com respeito à evolução biológica fora do domínio humano), e os que frisavam o papel da herança dos caracteres adquiridos, para alguns, especialmente entre os socialistas, uma alavanca possível para a aceleração do progresso social, embora os neolamarckianos divergissem muito com respeito ao peso relativo deste mecanismo e ao escopo taxonómico ou filogenético da sua operatividade (para Spencer, só entre os animais, ou certas categorias de animais).

pelo menos pelo secretário deste, que um programa de eugenia positiva, tal como delineado no seu livro,²⁹ deveria ser instituído na União Soviética como um dos grandes instrumentos para demonstrar e assegurar a superioridade do socialismo em relação ao capitalismo. Esperava que, em algumas gerações, a elevação do nível médio intelectual e humano da população conseguiria a qualidade inata de pessoas como «Lenine, Newton, Leonardo, Pasteur, Beethoven, Omar Khayyam, Pushkin, Sun Yat Sen, Marx ou mesmo possuir uma combinação das suas diversas faculdades» (Muller 1935, 141) – faculdades cognitivas, artísticas, de liderança. Aliás, esperava que o processo pudesse prosseguir para níveis ainda mais elevados. Os prudentes conselhos de um geneticista soviético, que provavelmente partilhava as suas ideias, mas que estava a par da realidade, levaram-no a deixar a URSS a tempo, pouco depois do envio da carta.³⁰ Apesar de Trotsky ser um autor proibido na URSS, a sua ideia atrás mencionada continuou a ser apresentada na URSS de vez em quando no pós-guerra (sem referência, naturalmente, a esse ideólogo ou à utopia eugenista socialista de H. J. Muller) como um projecto perfeitamente compatível com o «socialismo científico», ou mesmo como um estágio da evolução progressiva da humanidade no seu conjunto, que o «socialismo científico» permitiria realizar. Seria absurdo menosprezar a ideia de Trotsky que citámos como uma mera idiosincrasia pessoal no mundo bolchevique, na URSS, no socialismo internacional, ou na história global dos eugenismos ou das utopias. A visão de eugenia positiva de Wallace, Trotsky e Muller não desapareceu totalmente, portanto, mas o mais patente é que melhoramentos substanciais do nível cognitivo das pessoas são hoje encarados pelos eugenistas mais visionários (com algumas excepções) só para um segmento da humanidade.

Por seu lado, a eugenia negativa (coagida ou não) foi aplicada historicamente de forma muito mais extensa e sistemática em todos os

²⁹ Muller 1935. O livro foi difundido pelo *Left Book Club* na Grã-Bretanha (as obras escolhidas por esta organização antifascista para os seus membros frequentemente vendiam até dezenas e mesmo centenas de milhares de exemplares). Embora publicado em 1935, no essencial, as ideias do autor nesse livro datam dos meados ou fins da década de 1920, sendo mais ou menos contemporâneo do famoso panfleto de Haldane. Haldane elogiou o livro de Muller (na altura eram também correligionários políticos), tal como G. B. Shaw, C. P. Snow, e outros. Recentemente, houve reimpressões de alguns dos livros do *Left Book Club*, mas não deste livro, salvo erro, que aliás não se encontra em muitas grandes bibliotecas universitárias do mundo anglófono.

³⁰ Mas foi em primeiro lugar para a Espanha, para ajudar os republicanos na guerra civil em curso no país (como J. B. S. Haldane).

países ocidentais, como também em países autoritários ou totalitários. A prática e a doutrinação da eugenia negativa não desapareceu, longe disso, como se verifica pela reiteração por alguns geneticistas e psicólogos, em anos recentes, da necessidade de impedir que as pessoas de baixo QI (70 ou menos, ou menos de 100) tenham progénie, para evitar o «declínio cognitivo da espécie». Expressão do psicólogo eugenista dinamarquês H. Nyborg, professor da Universidade de Aarhus que, em declarações de 2003, indicou que 15 a 20% da população devia ser impedida de se reproduzir, sem especificar muito bem a metodologia, embora num país com décadas de experiência de esterilização compulsória, nunca se saiba. Mais recentemente, os sonhos e visões da eugenia positiva, anteriormente vistos como francamente utópicos ou como objectivos a muito longo prazo, estão a sofrer um período de euforia e ascensão, como nunca na história. Tal deve-se essencialmente à crescente disponibilidade de novas tecnologias reprodutivas e genéticas, (aliás, combináveis, como no caso da «reprogenética» do geneticista Lee Silver ou da «reprogenómica») tal como a eufenia, o melhoramento não-genético dos fenótipos pela cirurgia plástica, cosmética ou estética e outras formas de intervenção biomédica na procura do corpo perfeito e do bebé perfeito.

Antes do texto do biólogo (e polímato) Haldane que vamos referir, os eugenistas focavam acima de tudo a necessidade da mudança nas *instituições* reprodutivas, nos padrões normativos da nupcialidade e da fertilidade. Na Europa ocidental, estes são em parte o resultado de séculos de autoridade do direito canónico da Igreja Católica³¹ e, no caso da Inglaterra, da Igreja Anglicana, e dos códigos civis europeus, e não só, na esteira do *Code Napoléon*. Eles determinam os graus de afinidade e as proibições de casamento (por exemplo, entre primos direitos) e portanto a reprodução legítima; sem falar do celibato compulsório do clero regular e secular.³² As mudanças propostas foram instigadas pelos biólogos, geneticistas, eugenistas, através da propaganda (livros,

³¹ Jack Goody, *The development of family and marriage in Europe*. Cambridge, 1984. Um livro notável, um livro-chave da sociologia histórica do Ocidente.

³² Menciono este ponto menor porque uma das muitas críticas que os eugenistas clássicos fizeram repetidamente à Igreja Católica, em parte porque representava a religião organizada no seu expoente máximo, mas também por razões específicas, foi precisamente a do celibato clerical, que, segundo eles, impedia a reprodução de uma categoria social de qualidade, aliás uma crítica partilhada por muitos anticlericais desde o século XVIII. Disseram pouco sobre o celibato das freiras, curiosamente, mesmo os eugenistas feministas como A. R. Wallace ou Karl Pearson. Galton queixou-se também do celibato obrigatório dos professores da Universidade de Oxford, mas essa regra foi abolida nos fins do século XIX.

panfletos, sermões de ministros da religião protestante, artigos de jornais e revistas, muitas vezes ilustrados com desenhos e retratos das abominações disgénicas, escolhidos cuidadosamente para chocar os leitores) e das escolas e colégios (filmes didácticos vistos regularmente nas escolas, apresentação das suas ideias em manuais). Estas actividades eram financiadas por algumas das mais importantes fundações americanas e por milionários avulsos. Houve ainda um esforço de persuasão das autoridades políticas através do elogio: alguns geneticistas-eugenistas de alto gabarito escreveram cartas de apoio a Hitler e Mussolini pelas suas medidas eugenistas, e Muller, geneticista-eugenista de esquerda, escreveu até a tal carta a Estaline, propondo um vasto programa de eugenia positiva para assegurar a vitória definitiva do socialismo no Planeta; sem falar da persuasão de líderes políticos e parlamentares burgueses eminentes como o Presidente Woodrow Wilson e Winston Churchill.

No seu panfleto *Daedalus or the science of the future*, publicado em 1923,³³ J. B. S. Haldane, um geneticista, teórico matemático da evolução biológica e pioneiro da biologia experimental, salientou o papel das tecnologias reprodutivas, baseando-se nas descobertas da genética, da embriologia, da bioquímica, das tecnologias reprodutivas com os animais, para o melhoramento da espécie (ou pelo menos de algumas linhagens e populações consideradas como vanguardas da perfectibilidade da espécie). Este panfleto não é uma mera curiosidade histórica: não só teve um impacto imediato sobre as classes bem pensantes (foi reeditado várias vezes nos anos seguintes) como é hoje considerado pela vanguarda pós- ou trans-humanista (junto com o livro de Bernal de 1929, *The world, the flesh and the devil – Three enemies of the rational soul*) um dos dois livros mais proféticos do século XX escritos por cientistas, especialmente em relação às questões da transformabilidade ou perfectibilidade cientificamente dirigida e sustentada do Homem (no caso de Bernal, o progresso exigiria dispensar primeiro o corpo humano e logo o cérebro para conduzir a uma existência pós-biológica, a electro-mecânica, que hoje chamaríamos computacional). Certamente, no que diz respeito ao impacto da investigação nas biociências, foi uma antecipação genial da viragem biotecnológica da nossa civilização hodierna (a «civilização do gene», como lhe chamou o biólogo François Gros), não só na transformação da vida não-humana para maior rentabilidade

³³ O livro foi reeditado, com um conjunto de estudos sobre os temas do livro e a sua actual pertinência, por Krishna R. Dronamraju, org., 1995.

ou exploração de recursos, mas também na engenharia genética³⁴ (germinal ou somática), morfológica, neurológica, prostética (cibórgica, «fibórgica», biónica) do Homem.

Uma destas linhas de investigação, de certo modo correspondendo aos sonhos de Bernal, foca os sensores microelectrónicos hipersensíveis que não só poderão superar as deficiências visuais e auditivas que o ser humano possui, como permitirão a todos, mesmo os não-deficientes, uma visão telescópica e microscópica: deixaríamos, assim, de viver exclusivamente numa *Umwelt/Wirkwelt* mesoscópica.³⁵ Mesmo que já tivéssemos acesso anteriormente aos instrumentos exossomáticos correspondentes, isso representaria uma modificação qualitativa considerável da condição humana, porque o nosso *Umwelt* tem sido o mesocosmos (Geary 2002).

Entre as reacções mais assinaláveis ao panfleto visionário de Haldane, não falando do horror e do medo manifestado pelas camadas mais «atrasadas» e «obscurantistas» – os ideólogos «reaccionários» –, podemos referir as seguintes:

- (i) Atraíu o interesse de uma das primeiras mulheres a especializar-se no jornalismo científico na Grã-Bretanha. Mais tarde, ela escreveu uma novela de ficção científica inspirada na problemática eugénica com o título bem sugestivo de *Man's World* – uma distopia feminista em que a reprodução é rigorosamente controlada por cientistas homens (o livro foi recentemente reeditado pela primeira vez há décadas). Trata-se de Charlotte Haldane, assim chamada por se ter casado com o seu inspirador.
- (ii) Despoletou quase imediatamente uma reacção altamente crítica sob a forma de um panfleto intitulado *Icarus or the future of science* (o próprio título denunciava a sua intenção de atacar o texto de Haldane). Mais tarde este deu origem a um livro mais extenso, da autoria de uma figura tão importante quanto Bertrand Russell.³⁶ A atitude negativa deste a respeito das perspectivas de revolução biotec-

³⁴ Expressão inventada em 1966 para designar o controlo químico do genótipo.

³⁵ Os conceitos do biólogo J. Von Uexkull, que tiveram um certo impacto filosófico de Cassirer até Harré. Ver o livro deste autor *Varieties of realism*, Oxford, 1986.

³⁶ O livro em questão era *The scientific outlook*, publicado cinco anos depois, em 1931, uma crítica dos projectos científicos de transformação social que utilizavam técnicas industriais, biotecnológicas e psicológicas (este livro, uma expansão do seu *Icarus* publicado uns anos antes, foi talvez a melhor discussão de Russell sobre esta temática). No prefácio da reedição que saiu depois da guerra, Russell notou a semelhança entre os temas tratados no romance de ficção científica de Aldous Huxley e os do seu próprio livro, publicado por coincidência no mesmo ano.

nológica ou reprodutiva de Haldane, como de outros projectos de transformação científica das sociedades, não pode, portanto, ser atribuída a preconceitos religiosos, ideológicos ou metafísicos contra a ciência, a tecnologia ou a Razão.

- (iii) Foi uma das principais influências que contaram para Aldous Huxley, irmão e neto de biólogos, na elaboração do seu romance, de ficção científica ou distopia, *Brave New World*, também publicado em 1931. Para o autor, tratava-se de uma sátira aos projectos de gestão científica das sociedades.³⁷ Esta obra abordava o papel das tecnologias reprodutivas prevista por Haldane no seu panfleto. A mais famosa destas viria a ser a ectogénese (isto é, a condução artificial do processo reprodutivo na sua totalidade, desde a fertilização até o feto estar pronto para viver fora do útero artificial – evidentemente, o conceito de «nascimento», previamente vinculado ao corpo feminino, teria de ser modificado nestes casos,³⁸ e a reprodução industrial de seres humanos geneticamente idênticos, fungíveis e intercambiáveis. Estes não seriam «clones» no sentido técnico mais preciso, na medida em que não eram produzidos por «transferência de núcleos de células somáticas»; eram co-natais, ao contrário dos clones e clonados humanos antecipados hoje, que podem estar separados por um intervalo temporal de décadas. Trata-se de uma espécie de «fordismo genético» (Ford era, de facto, uma das grandes figuras desse novo mundo) que contemplava ainda tecnologias comportamentais inspiradas por Pavlov, cujas técnicas de modificação do comportamento animal, e potencialmente do comportamento humano, estavam muito em moda na época.³⁹ Fundiam-se, pois, estas com outras técnicas psicológicas (formação de reflexos condicionados),

³⁷ Como o mundo é pequeno, a revista *Nature* pediu a Charlotte Haldane para fazer a revisão desta obra, embora esta grande revista científica raras vezes tenha publicado revisões de obras de ficção nos últimos cem anos.

³⁸ Em que Haldane tinha pensado como, em parte, uma medida eugenista, e assim tem sido encarada por eugenistas nos nossos dias (desde que selectiva, claro).

³⁹ O poder de explicação, e de potencial aplicação, como uma poderosa tecnologia psicossocial, da reflexologia pavloviana foi grotescamente exagerado, mesmo fora da URSS. Por exemplo, um biólogo da eminência de C. Sherrington (Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina) disse uma vez, quando chegou a conhecer os resultados de Pavlov: «Agora, sim, compreendo os mártires cristãos!» (Não tenho notícia de alguma explicação pavloviana dos mártires terroristas de hoje – e os mártires cristãos não mataram ninguém.) No entanto um antigo discípulo de Pavlov analisou o fracasso da social democracia na Alemanha de Weimar, e o êxito dos nazis, pelo prisma das técnicas reflexológicas do Mestre (Sergei Chakhotin, *The rape of the masses – the psychology of totalitarian political propaganda*, Londres, 1940).

pedagógicas (técnicas de aprendizagem rápida), psicotrópicas, e sociais, para conceber uma sociedade cientificamente planificada em todas as fases da vida, para a maior felicidade de todos, o que raramente implica nestas visões um alto grau de igualdade (as outras modalidades de organização científica abrangente, totalista, da vida humana, descritas no livro, são hoje raramente citadas).

O princípio organizador era maximizar a felicidade de cada indivíduo, de todos os indivíduos, em todas as categorias sociais. O acesso de todos a certos bens básicos (alimentação, sexo, entretenimento, ocupação) era garantido e extremamente facilitado. Outros bens eram negados, como a fruição da natureza «selvagem», mas o próprio desejo dos bens não facultados podia ser erradicado. Esta ficção foi lida por muitos como uma espécie de refutação do utilitarismo como doutrina ética. Na sua versão hedonista e universalista, o utilitarismo benthamita era aplicado à estruturação tecnocientífica de uma sociedade. Esta era concebida como uma sociedade, digamos, pós-histórica,⁴⁰ em que a dinâmica de guerras, revoluções, conflitos sangüinários sociais, políticos, religiosos, da história teria sido ultrapassada. Ernest Gellner, por exemplo, nas suas lições de filosofia social na London School of Economics (e em alguns dos seus artigos) insistia sobre este ponto. Outra versão deste tipo de argumento é a refutação do utilitarismo pelo experimento de pensamento da «Máquina de Experiência» de Nozick, onde a manipulação dos centros de prazer do cérebro mantém o indivíduo num estado de *bliss* permanente. As nossas intuições, porém, sugerem que não se trata de um caso de verdadeira felicidade, porque o indivíduo permanece num estado completamente passivo (Nozick 1974).

O livrinho de Haldane, uma espécie de Manifesto das Revoluções Biológicas do Futuro, foi especialmente significativo pela ênfase que dava na reconfiguração da sociedade humana, talvez pela primeira vez, ao papel das invenções biológicas decorrendo da ciência experimental; papel que as inovações biotecnológicas estariam a ter sobre a criação animal, a agricultura, a saúde pública e a nutrição. De facto, a física e a química continuaram a ter o papel predominante na indústria e na guerra até há duas ou três décadas. O próprio Haldane considerava a

⁴⁰ R. Seidenberg publicou um livro sobre o tema muitos anos antes do célebre texto de F. Fukuyama, e a ideia pode ser atribuída com maior justiça ao filósofo francês A. Cournot, que, embora não tenha inventado a expressão, falava do mundo sócio-económico do futuro *quand l'histoire aura fini*.

guerra química, uma forma de «guerra científica» iniciada na Primeira Guerra Mundial pela Alemanha, como a melhor forma de guerra, porque matava menos, como argumentou noutra livrinho menos célebre, *Callinicus* (o argumento de Haber tinha sido que, matando menos que a guerra convencional, também seria decidida mais rapidamente, e também por isso exigiria menos vítimas). Mais recentemente, os físicos reconhecerem cortesmente a nova criatividade da biologia, com a revolução molecular. A nossa época é vista como época da biologia ou da biotecnologia, o século da biotecnologia, embora se, como o geneticista Craig Venter, cada vez mais famoso, afirma, a genética for um ramo da tecnologia de informação, possamos falar mais abrangentemente do século das TIC, subsumindo a genética, a biotecnologia ou a engenharia genética ou genómica, inclusive a biologia sintética.⁴¹ Os Estados reconheceram também o papel dinâmico da empresarialização da genética, com a grande sedução das virtualidades lucrativas da comercialização dos organismos geneticamente modificados e a visão empolgante do «Planeta Geneticamente Modificado»⁴² (OGM em toda a parte, e só OGM). O Planeta Geneticamente Modificado ao serviço do Homem Geneticamente Modificado (por si próprio). E o Reino do Biocapital – quer dizer, no limite, um domínio onde não há vida que não seja capitalizada, capitalizada pela tecnologia comercial de OGM ou outra, ou pelo menos capitalizável no futuro, com o interesse cada vez maior por biocombustíveis, até concorrendo com a produção de alimentos (aumento dos preços de bens de primeira necessidade, a chamada *agflation*), e substâncias orgânicas para um leque cada vez mais amplo de fins industriais, parcialmente substituindo minerais escassos, além da exploração tradicional para fins farmacológicos, como se o mundo biótico oferecesse uma nova fronteira económica global.

Mas, além desses impactos mundanos, Haldane esperava impactos mais substanciais sobre as estruturas básicas da reprodução humana, cada vez mais dessexualizada – no limite a reprodução estritamente assexual pela clonagem reprodutiva humana (CRH). A sua expectativa de que a ectogénese seria a tecnologia reprodutiva mais importante falhou. No entanto, a CRH talvez seja «o melhor que há» depois da ectogénese, na medida em que constituiu, em todo o caso, uma ruptura radical com as formas básicas de reprodução humana desde o início da

⁴¹ Ver, por exemplo, Dyson (1997).

⁴² Título de um livro recente que proclama esta visão «empolgante».

espécie. É de salientar que, para o nosso biólogo, a era das invenções biológicas, ou melhor, biotecnológicas, seria benéfica para os indivíduos e para a espécie em termos de saúde, maior esperança de vida e mesmo de liberdade, pois com a dissociação da reprodução do amor sexual e vice-versa, seríamos livres num sentido radicalmente novo. Mais que isso, ela seria também conducente ao enfraquecimento da religião organizada, do Cristianismo e dos códigos morais e legais vigentes sobre a sexualidade e a reprodução humana, libertando todo esse domínio dos constrangimentos existentes, legais ou dos costumes. No entanto, Haldane nunca indicou os requisitos de uma nova moral laica sexual ou de reprodução⁴³ e nunca se interrogou seriamente sobre que Novo Mundo dos Sentimentos surgiria. Esta viragem implicaria um compromisso com constrangimentos tecnológicos e uma crescente dependência, estreita e permanente, de técnicas laboratoriais e do acompanhamento biomédico – tal parece não ter sido importante para ele ou para outros emancipadores biológicos. Aliás, Haldane insistia em que, com a revolução biológica e o progresso da ciência em geral, nenhuma instituição social, nenhuma crença, nenhuma característica humana ficariam imunes aos ventos da mudança (uma espécie de promessa-ameaça ou *throffer*,⁴⁴ do género que se tem tornado frequente com o triunfalismo geneticista e biomédico). Está claro que ele não podia ter antecipado a actual simbiose deste revolucionarismo com a dinâmica da economia capitalista, a capitalização do conhecimento genético numa bioeconomia da industrialização extensiva e intensiva de toda a vida (e mesmo o aproveitamento de biocombustíveis em grande escala).

Enfim, para adoptar uma terminologia semimarxista, esta revolução biológica libertaria as forças ou meios (as novas tecnologias) de reprodução humana, das relações sociais de reprodução existentes ou mesmo da superestrutura (a estrutura moral, legal ou religiosa vigente) tal como as forças produtivas eram inibidas pelas relações sociais de produção no materialismo histórico clássico. A terminologia marxista não é sugerida por acaso, já que Haldane foi durante muitos anos

⁴³ Por exemplo, a ética sexual dos anarquistas espanhóis e portugueses de princípios do século XX, embora com o nome do «amor livre» (livre, quer dizer, da moral religiosa hipócrita, mas não de compromissos morais, autolimitativos, muito exigentes), era extremamente rigorosa e mesmo puritana, condenando o sexo sem amor, ou o sexo por obrigação conjugal, e com maioria de razão, o sexo comercial, uma ética sexual rigorosa, tudo menos antinomiana, tal como não existe hoje, com a excepção de algumas seitas religiosas.

⁴⁴ *Throffer*: uma abreviação combinada de *threat* (ameaça) e de *offer* (oferta) expressão retirada à Teoria dos Jogos.

membro do Partido Comunista britânico e até membro do Comitê Central. Autor de dezenas de artigos de jornalismo científico, publicados no jornal diário do Partido, o *Daily Worker*, ele escreveu um tratado de filosofia das ciências do ponto de vista do marxismo (entendido como materialismo dialético). Como nesta doutrina os modos de produção seriam eventualmente transformados pelos avanços tecnológicos, numa sociologia homóloga, o «modo de reprodução» (Harris 1979) societal seria transformado a longo prazo pelas novas tecnologias reprodutivas que sofreram os maiores avanços da história nas últimas décadas.⁴⁵ A Revolução Reprodutiva antecipada por Haldane já começou, e continua de vento em popa, definindo gradualmente um novo modo de reprodução no modo de produção tecnocapitalista. O desfecho inicial foi separar o sexo da reprodução,⁴⁶ mas também separar a reprodução da actividade sexual, por uma variedade de meios, além da contracepção, a procriação medicamente assistida, enquanto espera-

⁴⁵ Obviamente que, numa análise sistemática, teríamos de introduzir as «forças morais», na expressão de Durkheim (os ideais morais, os movimentos sociais, a dinâmica dos mercados de trabalho, das formas de propriedade, etc.), embora as próprias tecnologias reprodutivas se possam considerar também como «forças morais», cuja existência por si só exerce pressões sobre as questões da vida reprodutiva.

⁴⁶ Em relação à separação entre sexo e reprodução e vice-versa, Baudrillard comentou algures que passámos de uma situação nos anos 60 em que se procurava o máximo de sexo com o mínimo de reprodução, para uma situação em que procuramos aliar o mínimo de sexo ao máximo de reprodução, embora hoje se antecipe a abolição da sexualidade genital reprodutiva, já ameaçada por outras razões, para assegurar a imortalidade, ou pelo menos a hiperlongevidade. Isto, para além da Primeira Revolução de Longevidade, que assegurou uma esperança de vida longa com a eliminação das doenças contagiosas e a redução da mortalidade infantil, aumentando a «longevidade secundária» para uma Segunda Revolução de Longevidade, que, para além da expectativa de vida máxima corrente, com um acréscimo de 20 a 40 anos na longevidade primária, assegura, devido à clonagem terapêutica, a pílula para fabricar proteínas dos genes da longevidade, as células estaminais e a nanotecnologia para a regeneração de órgãos e o retardar dos processos de envelhecimento (S. J. Olshansky e Bruce A. Carnes, *The quest for immortality: science at the frontiers of ageing*, NY, 2001, bastante crítico das perspectivas da longevidade radical). O preço seria a instituição da reprodução assexual humana e a abolição da sexualidade genital (ver os livros do biólogo S. Shostak *Becoming immortal: combining cloning and stem-cell therapy*, Albany NY, 2002 e *The evolution of death: why we are living longer*, NY, 2006). A passagem da sexualidade genital para a sexualidade não-genital já tinha sido antecipada por vários «radicais sexuais», inclusive Herbert Marcuse, como a condição de uma sociedade desalienada (criticando de facto a chamada revolução sexual no mundo capitalista como «dessublimação repressiva»). Vários autores iluministas, dos mais notáveis, como Condorcet e William Godwin, foram mais longe: o desejo sexual, o amor sexual, deixariam de ser conhecidos ou sofridos pelos seres humanos num estágio superior da civilização científica, também em troca da superlongevidade e da perfeição.

mos pela ectogénese e pela CRH.⁴⁷ A actividade sexual/reprodutiva humana seria desvinculada do tecido normativo e institucional tradicional, e talvez de qualquer outro tecido normativo e institucional, com a excepção das normas do consentimento mútuo e de limites de idade, que cabe ao Estado assegurar com sanções criminais. Estas inovações biotecnológicas, genotecnológicas ou, mais especificamente, antropotecnológicas, seriam, como se dizia do telescópio no século XVIII, uma «artilharia moral» apontada contra os céus espirituais, desta vez ainda mais mundana e directamente.⁴⁸

No entanto, no caso da reprodução, embora as normas morais e religiosas e as formas de vida (a *ordo amoris* e a cosmologia a que estavam associadas) estejam em vias de extinção, a racionalização e tecnificação da reprodução com o influxo e expansão das novas tecnologias reprodutivas impõem cada vez mais medicalização (a própria definição da infertilidade, genericamente falando, e até da gravidez normal, como qualquer coisa como uma doença ou patologia), mais acompanhamento e aconselhamento genético, cada vez maior responsabilização, cada vez mais pressão social e médica para, por exemplo, abortar fetos ou nascituros com uma variedade de defeitos genéticos revelados pelo diagnóstico de pré-implantação, pela amniocentese ou pela tecnologia de ultra-som.

À semelhança de muitas outras inovações, a clonagem reprodutiva humana (CRH) não será tanto uma resposta ao mercado (um caso de *market pull*), como à pressão tecnológica (*technology push*); isto é, o impulso para realizar algo que é tecnologicamente possível enquanto tal, e o incentivo do crédito, fama ou notoriedade que daí advém para o vencedor dessa corrida. Claro que, depois de consumado o facto, podem sempre encontrar-se inúmeras justificações mais ou menos humanitárias de outro tipo e até mesmo uma lógica de mercado, um aval, ou uma não-condenação jurídica, como vimos acontecer em técnicas de reprodução anteriores. Trata-se do que podemos chamar *a propaganda do acto*

⁴⁷ Haldane ficou encantado com os trabalhos da sua segunda mulher, a bióloga Helen Spurway, sobre a partenogénese: mais um golpe contra a religião cristã! E mesmo muito recentemente, em 2007, surgiram vários artigos em revistas de divulgação científica sobre a partenogénese em várias espécies animais, como se esses factos fossem relevantes para os dogmas cristãos.

⁴⁸ Haldane foi viver e trabalhar como cientista para a Índia, onde morreu. Escolheu a Índia em parte por ter sido um país neutro durante a Guerra Fria. O autor demonstrava simpatia pelo estilo de vida hindu, pelo pacifismo e pelo vegetarianismo gandhiano. Conclui que o Hinduísmo era a religião mais compatível com a ciência, pelo menos no presente.

tecnológico, que tem tido mais êxito e tem sido mais contagioso que o seu antecessor político anarquista do século XIX. A CRH já foi aplaudida por eugenistas do velho estilo como um novo meio para, de forma devidamente selectiva, ajudar a realizar os fins do eugenismo clássico. No caso da clonagem reprodutiva de animais, de animais de estimação – «membros da família», por assim dizer – já se manifestou alguma procura. Já existem bancos de esperma para a conservação do sémén dos animais de estimação para futura clonagem. Uma companhia americana pede 110 dólares por ano pelo serviço (*Mother Jones*, 13 de Julho de 2007); uma soma modesta, embora o preço da clonagem deva ser bem maior. O facto de que a maioria das espécies animais preferencialmente adoptadas pelos ocidentais como animais de estimação não estejam entre as espécies mais facilmente clonáveis parece uma verdadeira «conspiração das circunstâncias».

No entanto, as perspectivas da CRH surgem no contexto histórico-estrutural do «tecnocapitalismo», em que a mudança tecnológica permanente tem vindo a ser reconhecida como o motor por excelência do crescimento económico, dispensando mesmo, em última análise, a necessidade dos recursos naturais, segundo uma frase famosa de um economista premiado com o Nobel, R. Solow. A inovação tecnobiológica torna-se uma área cada vez mais destacada do capitalismo científico-académico-industrial – o que, noutra ocasião, chamei «a tecnociência de mercado». ⁴⁹ Esta incorporará em breve, como um subsector importante, o *genotecnocapitalismo*; isto é, a tecnociência de produção de OGM (novas variedades), de vida sintética (novas espécies) ⁵⁰ e talvez de humanos cada vez mais aperfeiçoados nas suas capacidades hereditárias (e, no limite, a trans-especiação). Este surto envolve a actual explosão da informação e capacidade de processamento da informação genética e genómica na bioinformática, induzida em parte pela corrida ao sequenciamento do genoma humano, a mercantilização das «coisas

⁴⁹ Porque a tecnociência alternativa, a tecnociência da economia de comando da URSS, falhou não obstante a enorme massa de cientistas e engenheiros formados. De facto, nunca houve em toda a história tantos engenheiros num só país como na URSS, uma superabundância, tal que os engenheiros se encontravam em muitas posições administrativas e políticas, um pouco como os advogados nos países ocidentais. (Cf. Josephson 2000 e Slava Gerovitch).

⁵⁰ A visão mais fantástica é a do físico Freeman Dyson (cuja seriedade, no entanto, é tal, que deveríamos levar um pouquinho a sério as suas especulações) que fala de *designer dogs* e *designer cats*, como de outras formas de vida criadas livremente como exercícios lúdicos, numa nova era, pós-darwiniana, da evolução da vida na Terra, controlada pelos humanos. Ver Dyson 2005, 2007a, 2007b.

epistémicas» da genética e da biotecnologia, o impulso da engenharia genética/genómica em todas as suas fases, sem falar da «biologia sintética» que ainda está a dar os seus primeiros passos, mas cujas potencialidades são tremendas. Às vezes referida como a «engenharia genética extrema», esta inclui não apenas a engenharia genética somática (a terapia genética somática acabou por ser uma enorme decepção, mas poderá ainda alcançar bons resultados em áreas limitadas, mas provavelmente não num futuro muito próximo), mas também a engenharia genética germinal (EGG). Emerge, pois, um mercado genético/genómico global onde se comercializam genes animais e vegetais pelo menos. Dada a crescente proliferação de «quimeras» humano-animais para fins farmacológicos ou de produção de alimentos, porém, tem-se ido para além da produção legal de «cíbridos» (híbridos citoplásmicos de animais e humanos) para fins experimentais biomédicos.

No entanto, o colapso do Projecto de Diversidade Humana, na continuação do Projecto do Genoma Humano, prova a resistência que ainda existe à ideia de um mercado genético humano global. Esta resistência parece ter apanhado completamente de surpresa os cientistas envolvidos, certamente humanistas que não desprezavam as populações indígenas do Terceiro e do Quarto Mundo, surpreendeu também o mercado de serviços genéticos, sempre em expansão quantitativa e cada mais abrangente na variedade de serviços oferecidos, a tal ponto que abraça toda a vida humana, da preexistência até quase à morte, em todas as suas facetas. Um exemplo: a tecnologia barata de ultra-som e a amniocentese, que permitem a verificação do sexo do feto, potenciaram o aborto selectivo feminino em grande escala na Índia. O resultado foi aumentar a desproporção entre homens e mulheres na população, aliás também muito significativa na China hoje (neste último caso, com um excesso de 23 milhões de indivíduos do sexo masculino e um rácio de 116 nascituros masculinos por 100 femininos). Tal vai tornar-se bem mais evidente nas próximas décadas.⁵¹ As consequências sociais, económicas e humanas, senão as políticas, mesmo se indirectas, pelo menos a longo prazo, especialmente na China, serão certamente graves.⁵² Não obstante este mau exemplo flagrante (colossal até),

⁵¹ Há factores adicionais, como o infanticídio das meninas (mesmo que o feticídio selectivo de fetos do sexo feminino tenha parcialmente substituído o infanticídio), a alta taxa de suicídio de raparigas e jovens mulheres, especialmente no Sul da Índia (sete vezes maior que na Inglaterra) e a taxa de mortalidade das meninas.

⁵² A análise mais extensa parece ser a de Hudson e Der Boer (2004). Recentemente, numa revista de divulgação sociológica brasileira li um artigo onde se falava do défice de jovens rapazes em certas grandes áreas de várias cidades brasileiras (em parte devido à

há médicos e bioeticistas que fazem campanha no Reino Unido em prol da livre escolha do sexo dos embriões no caso de pré-implantação e em outras situações, com o argumento de que, no Ocidente, o bom senso e o sentido da igualdade entre os sexos vão prevalecer neste domínio. Contudo, a natureza já é bem igualitária neste domínio (uma «mão invisível» salutar) e o rácio espontâneo dos nascimentos femininos/masculinos aproxima-se da igualdade em termos sociais. No entanto, não é absolutamente consensual, mesmo no Ocidente, que este rácio seja uma boa coisa, um «bem público» no sentido económico, e que um défice substancial de mulheres ou de homens em qualquer país seja um mal. Segundo uma autora feminista americana, a académica Sally Miller Gearhart, apoiada por algumas outras, num manifesto de 1982 (*The future – if there is one – is feminine*), o ideal seria reduzir a proporção de homens na população a 10%. Isto porque, segundo ela, convergindo com a sociobiologia (hoje denominada «psicologia evolutiva») mais vulgar, os homens são congenitalmente, incorrigivelmente, propensos à violência, à guerra, à dominação, à violação. Para conseguir este rácio, sugeriu que a técnica de *egg merging*, em que os óvulos são combinados para gerar progénie feminina, bem sucedida com os ratos, poderia ser eventualmente aplicada aos humanos, e um rácio de 75% de mulheres a 25% de homens podia ser conseguido numa geração só, se metade da população se reproduzisse com a técnica indicada. Trata-se obviamente de uma versão de eugenismo, uma versão de *eugenismo feminista biotecnológico*, com a prática de eugenia negativa, na medida que o objectivo seria impedir a reprodução masculina normal, sem eliminar o sexo totalmente, deixando um mínimo tolerável. Talvez a posição seja menos feminista do que antimasculina ou andrófoba, uma expressão de misandria, negando a existência de uma comunidade moral pan-humana, como os eugenismos clássicos (Kimbrell 1995). Com a expansão da Realidade Virtual, seria talvez suficiente dispor exclusivamente de homens virtuais, em vez de homens biológicos, e dispensar mesmo o resíduo de 10% de homens biológicos.

O eugenismo reformulado e repotenciado na nossa «era pós-genómica», depois da revolução molecular, da descoberta do «código dos códigos», da leitura do «Livro da Vida», tem sido denominado por uma variedade de expressões, como o «eugenismo liberal», o

violência urbana endémica, em que jovens matam jovens), e portanto um *superavit* considerável de mulheres nessas faixas etárias: o artigo colocava a hipótese da poliginia (sincrónica, não sequencial) como solução, como no caso da China se tem pensado na poliandria como um expediente para lidar com a crise demográfica específica, com o excesso significativo de homens entre os 20 e os 40 anos.

«eugenismo libertário», o «microeugenismo» (Rothman 1998), o «eugenismo de mercado», o «eugenismo de mercado livre», o «eugenismo comercial», o «novo eugenismo comercializado», o «eugenismo de *laissez-faire*» (Kitcher 1997), o «eugenismo *yuppie*»,⁵³ o «novo eugenismo», a «Segunda Onda do eugenismo», o «tecno-eugenismo», o «neo-eugenismo», o «eugenismo moderno», o «eugenismo pela porta traseira» (*Backdoor eugenics*⁵⁴) ou o «regresso do eugenismo» ou «a fase mais recente do eterno retorno do eugenismo». Provavelmente, ainda há mais outras... e seria fácil cunhar a expressão «eugenismo neoliberal», já que se fala da «genética liberal» para a versão mais recente da sociobiologia, a psicologia evolutiva. A proliferação destas expressões sugere que ainda não conseguimos bem situar histórica e conceptualmente as novas realidades em questão.... Note-se que a força pejorativa que a palavra *eugenics* adquiriu nos anos 30 e 40, que implicou mesmo a mudança de nome de sociedades, cátedras e revistas científicas com *eugenics* nos seus títulos nos anos 50, para nomes mais neutros, já praticamente desapareceu em muitos círculos intelectuais e sociais, senão em todos, e a expressão «eugenismo liberal» ou *liberal eugenics* não se apresenta como um oxímoro para estas pessoas.

Num livro recente, um biólogo fala simplesmente de «eugenismo»⁵⁵ como se fosse já ou devesse ser um termo perfeitamente neutral, explicando que não há necessidade de justificação para a utilização livre do termo hoje no contexto dos desenvolvimentos recentes da biomedicina genética. Não reconhece qualquer sentido de culpa pelo que foi feito em nome do eugenismo na Alemanha nazi durante os doze anos da sua existência⁵⁶ e, em muito menor escala (e mesmo assim confirmando a capacidade de fazer mal do eugenismo), quando implemen-

⁵³ Assim denominado pela bióloga Ruth Hubbard.

⁵⁴ Duster 1990. Há uma tradução francesa com um prefácio de Pierre Bourdieu. Os sociólogos afro-americanos, como este autor, têm sido particularmente sensíveis aos perigos do novo eugenismo, como também os representantes das associações de deficientes, alguns intelectuais judeus (mas nem todos, pois alguns têm avançado recentemente nas páginas da revista nova-iorquina *Commentary*, e noutros lugares, a tese da superioridade genética, em termos de inteligência, de certas linhagens judaicas), e autoras feministas, mas nem todas.

⁵⁵ Galton – o autor não tem nenhuma relação familiar com o fundador do eugenismo clássico do mesmo apelido: uma pura coincidência. O autor do livro é professor no Departamento de Metabolismo Humano no famoso Hospital Bart's em Londres.

⁵⁶ Em que participaram biólogos, médicos, psiquiatras (estes foram especialmente zelosos), antropólogos (da antropologia física em especial) e também geógrafos, psicólogos, arqueólogos, linguistas, etc., no movimento amplo de preparação ideológica, pseudocientífica, da *Shoah* e do assassinato em massa de ciganos e eslavos.

tado pelas autoridades estatais em outros países «civilizados» por algumas décadas. Ao contrário dos físicos, os geneticistas, e especialmente os geneticistas assumidamente eugenistas (com a exceção de alguns geneticistas dissidentes, como Jon Beckwith, de Harvard), não apresentam sinais muito visíveis da «vergonha prometeica» de que falou o filósofo da tecnologia Gunther Anders. Pelo contrário, culpam os políticos e outros não-cientistas pelo que correu mal com o eugenismo aplicado. Essa não é, porém, infelizmente, a verdade histórica. A culpa, dizem eles, é dos Estados, dos políticos, entrando na linha do libertarismo contemporâneo, em que o Estado é o Mal (ou, o que para muitos é a mesma coisa, «o Estado é o único monopólio»). Argumento curioso! O programa eugenista da Alemanha *não* foi uma simples imposição do Estado *contra* a comunidade científica ou mesmo *contra* uma fracção importante da comunidade científica (biomédica), pelo menos em princípio, senão no pormenor, até 1941: ocorreu na linha de continuidade de sugestões e proclamações de necessidade pública de um sector importante da comunidade científica alemã no domínio das ciências da vida, sustentadas já dez ou doze anos antes de os nazis assumirem o poder.⁵⁷ O eugenismo, ou «higiene racial» (a expressão alemã para o eugenismo, e título de cursos universitários), era já o consenso científico da comunidade médica alemã antes de 1933 – as leis eugenistas de 1933 correspondiam a este consenso. Trata-se de um caso notório de harmonia bem patente entre cientistas (pelo menos médicos, psiquiatras e biólogos) e políticos. Possivelmente, a maioria dos biólogos na época, mesmo fora da Alemanha, pensava que os «deficientes mentais» (*mental defectives, feeble-minded*) deviam ser impedidos de se reproduzirem: a «luta pela inteligência nacional» (título de um livro de um especialista da psicometria) assim o exigia (Paul, Diane B. e H. Spencer «The hidden science of eugenics» *Nature*, vol. 374, 1995, 302-305). Também houve eugenistas que, no entanto, por razões ideológicas gerais ou porque odiavam o anti-semitismo e o racismo biológico, rejeitaram o nazismo, embora continuassem a apoiar uma ou outra versão de eugenismo, como o sociólogo alemão social-democrata Theodor Geiger, que se exilou para a Dinamarca quando Hitler

⁵⁷ Com raízes na versão teutónica de darwinismo de Haeckel (o maior expoente de Darwin na Alemanha) e outros: (Weikart 2004). Haeckel já tinha insistido, em 1870 (data significativa), na necessidade de eliminar os recém-nascidos com deficiências. A doutrina da santidade da vida já era abertamente rejeitada por este biólogo eminente e influente, por razões eugenistas: como seria de esperar, esta rejeição era acompanhada por um ataque virulento às religiões, mas muito especialmente ao Catolicismo.

chegou ao poder, publicando mesmo uma defesa do eugenismo no exílio.

As leis eugenistas da Alemanha, promulgadas em 1933 (primeiro ano do nazismo instalado no poder), foram copiadas substancialmente da legislação americana e especialmente da *template* ou lei-quadro preparada pelo eugenista americano H. Laughlin (*ex America lux!*), incentivada por eugenistas do país. A coisa foi de tal forma que esse acto legislativo chegou a ser visto por alguns americanos como uma espécie de concorrência desleal; um frenesi de ultrapassar até o eugenismo americano pioneiro. Os alemães receberam o aplauso de alguns biólogos fora da Alemanha e da América, entre os quais os britânicos Karl Pearson e E. MacBride. Na Dinamarca, o notável geneticista W. Johanssen (que cunhou as palavras «gene» e «genótipo») foi um dos mais ardentes publicistas do eugenismo. Os governos sociais-democratas dinamarqueses promulgaram leis eugenistas com respeito à esterilização, obrigatória ou supostamente voluntária, de certas categorias sociais, no qual foram incentivados por geneticistas-eugenistas. A Dinamarca, aliás, foi pioneira na Europa com a legislação eugenista, que se manteve pelo menos até aos anos 70. Outros exemplos foram a Suécia, a Noruega e a Finlândia (o «eugenismo luterano»). Estes quatro casos foram estudados na colectânea organizada por Grumar Broberg e Nils Roll-Hansen *Eugenics and the welfare state-sterilization policy in Norway, Sweden, Denmark and Finland*, East Lansing (a segunda edição é de 1995). A primeira legislação eugenista, legalizando a esterilização, na Europa, foi promulgada na Dinamarca em 1928. Depois da legislação alemã de 1933, o processo foi acelerado: a Noruega em 1934, a Suécia e a Finlândia em 1935, a Estónia em 1936, a Islândia em 1939, promulgaram leis semelhantes. Os números de esterilizações: 60 000 na Suécia (até 1975), 40 000 na Noruega, 11 000 tanto na Finlândia e na Dinamarca (algumas fontes indicam um número bem mais alto para a Dinamarca), que foram realizadas, na sua maioria, entre 1929, data da primeira lei eugenista na Escandinávia, na Dinamarca, e os anos 1970. Também houve leis semelhantes na Islândia e na Estónia. No Japão do pós-guerra, no cumprimento de uma lei de 1949, a esterilização foi aplicada a cerca de 16 500. Se a estatística citada é fiável, a taxa de esterilizações executadas segundo a lei na Suécia foi, *per capita*, a mais alta das democracias até hoje (o número absoluto maior ocorreu nos EUA). Foi a mais alta de todos os países europeus, democratas ou autoritários *per capita* e possivelmente no mundo inteiro. Os efeitos benéficos para os pequenos países, que eram tão propagados por autores como o politólogo L. Kohr, não se manifestaram muito claramente nestes pequenos países durante estas décadas.

As leis e decretos eugenistas em geral, em quase todos os países, foram promulgados com o apoio de geneticistas, e certamente num clima de opinião em que a doutrinação eugenista de biólogos e psiquiatras jogou um papel importante. Em países onde não foram promulgados devido à derrota dos projectos de lei nos Parlamentos, como no Reino Unido, o apoio de geneticistas e biólogos, embora sem unanimidade, aos projectos de lei eugenistas de esterilização, foi considerável, mas obviamente não suficiente. A eliminação pelo aborto selectivo de fetos do sexo feminino em grande escala na Índia e na China, especialmente, não foi de maneira nenhuma incentivada pelos Estados respectivos, mas o resultado da escolha livre das famílias (mesmo de classe média e classe média alta) e da colaboração dos médicos gerou um excesso notável de indivíduos do sexo masculino na população adulta – ao todo, um défice de 100 milhões de mulheres na Ásia oriental, segundo Amartya Sen, escrevendo em 1990, 80 milhões das quais na China e na Índia.

Podemos sugerir os seguintes critérios de diferenciação analítica do novo eugenismo ou que, para a distinguir da eugenia clássica, poderíamos chamar de eugenismo de nível II; isto é, a microeugenia de mercado (MEM) com tecnologias genéticas ou reprogenéticas sofisticadas.

Utilizar como seu principal instrumento a mobilização das *tecnologias* reprodutivas e de engenharia genética, combinadas na reprogenética ou reprogenómica. As Novas Tecnologias Reprodutivas e Novas Tecnologias Genéticas, desenvolvidas recentemente e não disponíveis na época da eugenia de nível I, podem ser no seu conjunto denominadas como a Revolução Reprodutiva, ainda em curso, culminando talvez algum dia na Revolução Reprogenética ou Reprogenómica, e mesmo numa revolução biotecnológica para além da espécie.

Estas novas tecnologias reprodutivas e outras associadas abrangem, entre outras (pois trata-se de um campo em expansão permanente): a inseminação artificial (bem mais sofisticada que anteriormente); a fertilização *in vitro*; a maturação dos óvulos *in vitro*; a criopreservação de esperma, óvulos e embriões; a criogenia dos embriões cada vez mais sofisticada, e a implantação dos embriões (que pode agora ser adiada por anos e anos, permitindo às mulheres uma latitude considerável em escolher quando ter filhos, e desacelerar o «relógio biológico»),⁵⁸ com a opção adicional de outras mulheres serem *surrogate mothers*; o diagnóstico genético de pré-implantação; a amniocentese; a tecnologia ultra-

⁵⁸ Cada vez mais para a quadra dos 40 anos, e possivelmente bem mais tarde, para os 50 ou 60 anos, com os embriões congelados à espera, novas temporalidades na reprodução humana.

-som que pode determinar o sexo do feto e possibilitar a escolha do sexo dos filhos que se desejam; os diagnósticos genéticos dos bebés como dos fetos, permitindo a sua eliminação em caso de doenças genéticas (ou em princípio, no caso de propensões de base genética, vistas como indesejáveis); a facultação do recurso a bancos de esperma e *egg agencies* para a reprodução sem sexo, até recentemente cobertos pelo anonimato, permitindo um leque de opções de escolha da progénie, talvez duplamente, com a escolha simultânea dos melhores óvulos e do melhor esperma.

Nas próximas décadas poderão surgir duas tecnologias reprodutivas que têm sido assunto de muita discussão e polémicas: a ectogénese (com o útero artificial, para a gestação *in vitro*, além da fertilização *in vitro*, todo processado fora do corpo humano, ou a «gestação extracorporal») (Atlan 2007)⁵⁹ e a clonagem reprodutiva humana, a tecnologia de reprodução assexual por excelência (a clonagem dos animais já avança). Certamente, haverá maior sofisticação das técnicas de escolha do pacote de qualidades consideradas positivas pelos pais. A escolha genética germinal permitirá «bébés desenhados» (*designer babies*), crianças *custom-made* ou *made-to-order*. Para isso procurar-se-á eliminar os portadores de genes não-desejados através do aborto selectivo ou feticídio selectivo por relação a um leque cada vez mais amplo de doenças genéticas identificadas. Os mais amplos conhecimentos da medicina preditiva permitirão identificar supostas tendências de comportamento com base genética que poderão ser indesejadas pelos pais. Quem sabe, um dia, veremos a possibilidade de reprodução só com óvulos – a progénie só de um sexo, o feminino.

Portanto, agindo indirectamente sobre o modo de reprodução, pela escolha voluntária dos pais (as próprias noções de pai e mãe mudaram, e não se trata já simplesmente da distinção entre *pater* e *genitor*), num clima de opinião moldado pela configuração de oportunidades tec-

⁵⁹ Existe tradução portuguesa do livro de Atlan. O biólogo francês considera o seu livro como um «experimento de pensamento» e semificação, preocupado essencialmente com a «revolução antropológica» em curso devido às novas tecnologias reprodutivas, mas, no entanto, não exclui a hipótese de a ectogénese ou «gestação extracorporal» se realizar dentro de 15 a 25 anos. Recorde-se que, para Haldane, a ectogénese iria salvar-nos da degradação do *gene pool*. Para Shulamith Firestone, seria a emancipação das mulheres do domínio da necessidade biológica, para entrarem para o reino da liberdade: a tecnologia (reprodutiva) como libertação, num sentido radical (como, aliás, Haldane também tinha sugerido décadas antes, pois os bons sonhos são recorrentes). Várias autoras feministas recentes têm sido mais cautelosas, e demonstrado uma certa preocupação com esta dádiva biomédica potencial.

nológicas, pelo mercado de serviços genéticos em expansão contínua, quantitativa e qualitativamente, e pelo aconselhamento genético, as gerações do futuro poderão ser pré-desenhadas biogeneticamente, especialmente com o avanço da engenharia genética germinal – surgirão, então, coortes de *designer babies* cada vez mais e mais bem *designed*.

Há umas décadas, um sociólogo americano falou da emergência do Homem Psicológico (Rieff 1961), dedicado à análise e à terapia a longo prazo, segundo alguma versão da psicanálise, em que as estruturas de consciência e os sistemas de direcção espiritual cristãs ou judaicas seriam substituídos por este novo tipo de cultura e de autocompreensão humana. Hoje, com a prevalência de definições genéticas da realidade humana, estamos a assistir à emergência do Homem Genético, em que a sua auto-imagem, a sua compreensão do seu fado ou destino, o seu relacionamento com as questões de saúde (ainda mais obsessivas que a saúde mental definida pela psicanálise) e especialmente de reprodução, são mediadas e integradas discursiva e continuamente pelos resultados da genética humana, pela geneticização dos modelos de causalidade biopsicológicos. O aconselhamento genético e os serviços genéticos em expansão constante moldam os planos de vida. O Homem Psicológico mergulhava no passado, revivia a ontogenia e a infância e as experiências dos pais. O Homem Genético relaciona-se com o passado em termos causais e não hermenêuticos, de genes herdados (ou noções sobre eles), e não de experiências vividas com pessoas. Pode mesmo aceitar a caracterização do organismo humano como mero «veículo» de genes. Ele vira-se cada vez mais para as pessoas irrealis do futuro, ou pelo menos para os perfis genéticos dos futuros *designer babies*, objectos de engenharia biológica. Na tradição americana de Jefferson, aceitável ou não, cada geração humana seria como uma nação soberana, que não pode e não deve ser ditada, que deve exercer a sua máxima autodeterminação em relação à imediatamente anterior (curiosa atitude para um constitucionalista, porque precisamente o compromisso constitucional vincula a geração presente e, em princípio, as futuras). Hoje, o Homem Genético americano prepara-se para ditar às gerações futuras, para o seu bem, para maximizar a sua qualidade, mas não tanto propriamente para as gerações futuras como para melhorar a qualidade dos indivíduos, distributivamente falando, da progénie de cada um, nada mais, pelo menos em primeira instância. Embora haja filósofos que argumentam que não temos obrigação de fazer nada para as gerações futuras, nenhum dever moral de nos sacrificarmos para lhes deixar um património natural razoável, em vez de maximizar a exploração dos recursos naturais, há os que argumentam que temos uma obrigação

moral estrita, um dever ético superior de melhorar o legado genético dos nossos filhos, mesmo que os outros não tenham os recursos para o fazer, independentemente das consequências alheias, para a unidade biológica da espécie, pelo menos a longo prazo (Harris 2007). De facto, não há um sentido do colectivo, de uma sociedade melhor, de formas de vida colectiva superiores, com mais justiça, com mais altruísmo, com mais solidariedade, como na visão de Muller, no tempo de eugenismo clássico. Só lá a noção de indivíduos superiores, de superioridade pré-garantida, cujas inter-relações não são tematizadas, excepto no caso dos que pensam que pertencerão a mundos separados, a espécies diferentes (já não se pode dizer «raças» sem causar escândalo, mas, curiosamente, fala-se de espécies diferentes, o que ainda é pior e não provoca tanta oposição). Formar-se-ia, assim, uma nova hierarquia social, fundada na biologia, ou melhor, na biotecnologia, em ruptura com a unidade biológica e a comunidade de destino da única espécie humana no Planeta hoje. Tudo isto é muito congruente com o argumento de que não nos devemos preocupar com o legado ambiental que vamos deixar às gerações futuras, com a habitabilidade da Terra, porque tudo o que podemos e devemos fazer para as gerações futuras é promover e maximizar a sua inteligência natural (genética) e também promover o desenvolvimento da inteligência artificial, para se equiparar ou superar a inteligência natural, no caso de, mesmo assim, falharem.

Com a Revolução Reprodutiva e a Revolução pelas Novas Tecnologias Reprodutivas, a microeugenia de mercado não precisa de mudar directamente as *instituições* e normas sociais (que, no entanto, irão sofrendo o impacto das tecnologias à medida que se difundam e sejam aproveitadas para fins não-antecipados, pelo menos a longo prazo). Não precisa de solicitar directamente os agentes políticos, especialmente para as medidas de eugenia negativa mais brutais (feticídio, neonaticídio, infanticídio, eutanásia ou distanásia, esterilização, aborto coagido), embora estas continuem a ser recomendadas, até certo ponto, por geneticistas importantes que não se importam de falar claro, sem subterfúgios, sobre estas matérias. Temos o exemplo do falecido Francis Crick, que recomendava a triagem de todos os nascituros em termos de certos critérios genéticos e biomédicos. Sugeriu até que só as classes abastadas deveriam ter direito à reprodução, no interesse de um bom *gene pool*. Tal seria uma maneira de impedir os «inaptos» de se reproduzirem, com ou sem esterilização e aborto obrigatórios de certas categorias sociais ou nosológicas manifestamente disgénicas. O direito à reprodução, tal como o direito à vida, pré ou pós-natal, teria de ser restrito às camadas geneticamente superiores (e a riqueza era um bom

indicador de capital genético superior, segundo este autor), esquecendo-se talvez dos factores sociais, económicos e culturais que inibem a reprodução das camadas de *status* sócio-económico mais elevado. Obviamente, ao espírito do eugenismo, do geneticismo, da visão genocêntrica do mundo, repugna o universalismo e o igualitarismo dos direitos humanos, na sua versão iluminista, kantiana, liberal-democrática, a herança cristã e do Direito Natural. Esta tensão persiste através de todas as versões do eugenismo, das mais antigas às mais recentes e de maior intensidade e sofisticação de engenharia biológica. No entanto as preocupações com o criacionismo de inspiração religiosa dão muito mais que falar, hoje, do que esta tensão séria e mesmo crucial para o futuro da humanidade.

Já mencionámos as preocupações do notável biólogo neodarwiniano contemporâneo, W. D. Hamilton, com o *gene pool* na era da disgenia societal, nos Estados ocidentais do bem-estar, com o infanticídio ou o neonaticídio selectivo como soluções possíveis. E o bem vivo James Watson também sugeriu uma triagem semelhante, partilhando da mesma crença de que o direito à reprodução nem é universal nem imprescritível (o mesmo se podia dizer do direito à vida dos fetos ou nascituros deficientes, num sentido ou noutro, pela mesma lógica). Na linha de Francis Crick, pelo menos os incentivos e desincentivos fiscais deviam induzir os mais abastados a ter filhos. Ter dinheiro, dizia Crick, é um indicador razoável de *fitness* darwiniana nas sociedades contemporâneas.⁶⁰ Além de Hamilton, Crick, Lederberg (que faleceu muito recentemente) e Watson (os últimos três receberam o Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina, e o contributo de Hamilton foi muito importante para o neodarwinismo hodierno), também outros biólogos distintos, como John Maynard Smith⁶¹ e Richard Dawkins, exprimiram a sua concordância com o eugenismo, pelo menos em termos gerais. Dawkins demonstrou não só aprovação, como entusiasmo, pela clonagem reprodutiva humana. Temos fora da biologia o exemplo de Peter Singer, um filósofo cuja campanha de décadas contra o conceito periclitante de «santidade da vida (humana)» é tão notória como a sua

⁶⁰ F. Crick, *Man and the Future* (Londres: CIBA Foundation, 1962). Mas o seu colega Watson parece discordar, hoje em dia, pelo menos com respeito aos muito ricos, pois numa entrevista em 2006 disse: «*We are run by rich trash without regard for truth and reality*» (blgs.Zdnet/BTL?p-365), algo semelhante ao que Darwin já tinha dito no seu tempo quando se queixava tanto da ralé como dos estratos de maior riqueza e poder. Suponho que se referia aos EUA especificamente, embora o diagnóstico seja talvez aplicável a outros países.

⁶¹ Talvez o discípulo mais notável de Haldane.

defesa da protecção dos animais sentientes.⁶² A refutação feita por Aldous Huxley do utilitarismo não convenceu Singer, talvez porque pense que o «utilitarismo de preferências» seja mais sofisticado...

Ao contrário do eugenismo de nível I, o eugenismo de nível II não apela formalmente ao Estado, embora pressuponha pelo menos a não-oposição, o consentimento do Estado para a modificação genética de pessoas, somática ou germinal, numa cultura de direitos, especialmente individuais,⁶³ que incluirá os direitos genéticos, os direitos à modificação genética, às terapias genéticas e às tecnologias de reprodução assistidas (embora não à propriedade dos nossos genes). Como vimos, porém, não inclui o direito universal à reprodução (negando a autonomia reprodutiva), nem à vida pré-natal ou mesmo pós-natal, segundo Francis Crick e James Watson (em declarações separadas), e outros geneticistas e bioeticistas.⁶⁴ O Estado de «neutralidade liberal» não interfere com a manipulação genética humana, em princípio, nem procura instituir a manipulação genética para fins igualitários ou de optimização genética abrangente da população,⁶⁵ nem define uma concepção do «bem genético» dos indivíduos (e muito menos da nação), como não define qualquer concepção, pelo menos substantiva e «densa» (*thick*) do bem em geral. Tem, porém, um papel crucial nestas matérias, pela promoção da saúde pública, da educação, do melhor ambiente, etc. O Estado de neutralidade liberal é o que o eugenismo de *laissez faire* exige, em princípio, para se desenvolver e expandir com um mínimo de restrições.

O eugenismo de nível II não visa genericamente, pelo menos não formalmente, determinadas camadas ou grupos sociais (nenhuma referência se encontrava, por exemplo, a raças ou etnicidades como objectos idóneos para o aperfeiçoamento genético⁶⁶). Merece, pois, a denominação de microeugenia ou eugenia individualista, legitimada

⁶² A mesma posição em Macmahon (2002) e Rachels.

⁶³ Para Nozick, que advoga uma espécie de forte cultura de direitos, e uma ética deontológica e não consequencialista, os direitos são invulneráveis, e por isso o direito a participar no que ele chamava o «supermercado genético» seria também presumivelmente invulnerável (*Anarchy, law and the state, op.cit.*).

⁶⁴ Fala-se agora do Serviço Nacional de Saúde no Reino Unido como providenciando cuidados «do útero até ao túmulo» (antigamente dizia-se «do berço até à sepultura»): de certo modo, uma nacionalização ou estatização do útero, benéfica, sem dúvida (aliás podíamos dizer que o SNS começa, de facto, com o *petri dish*, no caso da FIV, antes da implantação no útero).

⁶⁵ Para uma discussão da problemática, ver Ackerman (1980).

⁶⁶ O racismo biológico do eugenista R. Lynn, autor de muitos trabalhos de psicométrica, é rejeitado pelos geneticistas-eugenistas contemporâneos em geral (que, aliás,

pela linguagem dos direitos individuais e da escolha individual, hoje suprema. Essa é partilhada, aliás, pelos mais diversos quadrantes religiosos e ideológicos, num clima de crescente geneticização dos nossos autoconhecimento e auto-explicação. Ela é acompanhada cada vez mais pela explicação neurológica, à medida que a identidade estritamente =cérebro, especialmente a versão forte de *type-identity* (e a suficiência explicativa do cérebro para a totalidade da nossa vida mental) se tornam lugares-comuns irrecusáveis: o fisicalismo, o naturalismo, o cientificismo, o «reducionismo eliminativista», a atracção filosófica pela ideia dos *zombies* (seres que se parecem connosco em todas as funções cognitivas, mas não têm consciência), constituem os equivalentes funcionais da *foi du charbonnier* de outros tempos, pelo menos em círculos muito amplos (claro, há versões mais sofisticadas, como o «monismo anómalo» de Davidson).

«O nosso fado [*fate*]⁶⁷ não está escrito nas estrelas, mas nos nossos genes» (J. Watson, o co-descobridor da dupla hélice da ADN). Uma expressão curiosa, que parece considerar a genética preditiva como um meio eficaz de conseguir o que pretende a astrologia judicial tão estimada no Renascimento italiano do século XV. Porquê estabelecer uma curiosa homologia tética entre os dois empreendimentos, não-científico e científico,⁶⁸ quando está precisamente em questão saber se se trata verdadeiramente de um programa científico de desvelar o fado/destino da nossa espécie ou de indivíduos humanos particulares – apesar de as

evitam falar sobre esta temática), embora W. D. Hamilton, um teórico da evolução consagrado como um dos mais brilhantes biólogos dos últimos trinta anos no campo dos estudos da evolução biológica, tivesse publicado uma recensão bastante simpática do livro de Lynn (aliás, que eu saiba, a única recensão razoavelmente favorável que este livro recebeu numa revista científica do *mainstream*).

⁶⁷ Em inglês, como em português, muitas vezes se distingue entre «fado» e «destino»: o «fado» representa o totalmente inevitável, constrangente, exógeno, brutal e negativo, enquanto o «destino» pode ser assumido, participado pela vontade humana, canalizado para a auto-realização da pessoa e o cumprimento honroso de uma missão (ou pelo menos a tentativa de cumprir uma missão na vida, mesmo se se fracassa). A escolha da palavra *fate*, em vez de *destiny*, por Watson, talvez seja significativa.

⁶⁸ Outro biólogo com o Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina, J. Lederberg, inventou a expressão «algenia» para as realizações futuras da engenharia genética. A comparação com a alquimia tem algum sentido porque a genética molecular pode ser vista como um ramo da bioquímica, e tanto a alquimia como o eugenismo genético procuram o aperfeiçoamento da matéria – no caso do eugenismo genético, a «matéria viva» (*living matter*), ou os «materiais biológicos» – e os dois projectos aspiram à aceleração dos processos naturais (no entanto os alquimistas também procuravam a sua própria perfeição espiritual pelo seu trabalho, e não só a redenção ou nobilitação da matéria).

determinações genéticas em geral implicarem probabilidades e regularidades estatísticas e não um determinismo monocausal estrito e invariável em geral? Mesmo assim não permitem necessariamente previsões quantitativas exactas. A proclamação de Watson exemplifica a clássica «falácia das perguntas múltiplas». Pode muito bem ser que o nosso fado não esteja escrito em parte nenhuma, globalmente falando. Só que, enquanto a «astrobiologia»⁶⁹ não nos permitia mudar as estrelas, agora podemos, em princípio, mudar os nossos genes ou alguns dos nossos genes, ou melhor, alelos, e possivelmente por alelos enriquecidos artificialmente, os «superalelos» (Gregory Stock) – por um preço e com a tecnologia adequada, quando já disponível. Então dir-se-ia que podemos mudar o nosso fado/destino. Também é surpreendente ver a analogia com a *magia*, quando há pelo menos uma analogia *religiosa* que vem desde os princípios do século XX, quando as leis mendelianas da hereditariedade começaram a ser difundidas e um estudante escocês, ao ouvir uma exposição deste tipo, exclamou: «Mas isso é o mais puro calvinismo!»⁷⁰ Mas talvez a noção de «calvinismo genético», da predestinação pelos genes, não seja tão apropriada para quem combate a religião, como a evocação da magia natural, que as religiões do Ocidente procuraram eliminar.

O eugenismo de nível II frisa a orientação predominante para o mercado: serve o novo mercado de serviços genéticos e biomédicos de alta tecnologia que emergiu e se desenvolveu de formas cada vez mais sofisticadas nos últimos trinta anos, em consonância com a ideologia de mercado da República da Escolha Livre (*Republic of Choice*) de quase tudo. Especificamente, a República da Escolha Livre Germinal, e para alguns também a Escolha Livre Somática ou fenotípica na medida do possível (o princípio da «liberdade morfológica»). Curiosas «repúblicas» em que não é o povo que é soberano, mas o Indivíduo⁷¹ cada vez mais auto-suficiente (e supostamente autocriador)! Dessa maneira, só uma faceta de Rousseau é bem representada...

⁶⁹ O historiador das ideias René Berthelot chamou assim a uma longa tradição de pensamento ocidental de correspondências entre o mundo supralunar e o mundo da vida.

⁷⁰ Uma história relatada algures pelo geneticista britânico W. Bateson, o professor em questão, que começou a ensinar as leis de Mendel a partir de 1900, o primeiro no Reino Unido.

⁷¹ Um jornalista conservador britânico fala de «Indivíduos Soberanos» na sua apologia do capitalismo contemporâneo (W. Rees-Mogg), e, em geral, o anarco-capitalismo e o libertarismo à maneira americana contemporânea, professam esta fé.

Em nome desse Indivíduo Absoluto proclama-se a «autonomia reprodutiva» (Ronald Dworkin), conceito que aproveita o valor geral da autonomia moral, da autonomia da pessoa humana, do kantianismo democrático. Outros filósofos falam de «autopropriedade» (*self-ownership*), do próprio corpo para legitimar as mesmas coisas. Mas a propriedade dos nossos genes, desde que tenham algum interesse biomédico, parece mais duvidosa na jurisprudência recente, e os nossos perfis genéticos serão cada vez mais apropriados pelo interesse superior da segurança nacional, por uma espécie de geneticização do Estado de Segurança Nacional. E esta talvez se estenda à «liberdade morfológica», a liberdade/direito de transformarmos o nosso corpo a nosso bel-prazer, mesmo radicalmente (o que poderíamos chamar, por paridade de raciocínio com o conceito mencionado de Dworkin, a «autonomia morfológica»), por exemplo, zoomorficamente, com a ajuda da medicina de modificação, ou mesmo da automutilação de um corpo sadio providenciada clínica e legalmente. Sem falar da criogenia e o direito (mais um direito) a uma existência cadavérica especial cujo estatuto legal não parece bem definido, nem a pretensão à quase-imortalidade biológica associada a esta prática, com todas as complicações sem fim que o seu reconhecimento podia acarretar,⁷² até para a contagem demográfica, se se tornasse uma prática de massa. Numa disputa recente na União Europeia, em que foi proposto o tamanho das populações nacionais como um dos critérios de ponderação na avaliação do poder decisório dos diversos países, depois do mais recente alargamento da UE, a Polónia exigiu que os seis milhões de mortos que tinha sofrido na Segunda Guerra Mundial como resultado da agressão nazi

⁷² Na França, há tempos, a polícia confiscou um corpo criogénico conservado pela família do defunto, como se se tratasse de um crime contra a República laica querendo persistir desta maneira *post mortem*, em vez de ser processado nos crematórios ou enterado nos cemitérios à maneira antiga. Mas, de qualquer maneira, a criogenia ainda não se difundiu significativamente fora dos Estados Unidos e mesmo nos Estados Unidos ainda não suscitou um movimento de massas (embora seja uma crença partilhada pelo movimento trans-humanista em geral e outros imortalistas). No entanto, as técnicas de criopreservação poderão ser aperfeiçoadas, como a da preservação criogénica dos óvulos, que vai receber um grande impulso com os avanços recentes e assim aumentar a independência biológica das mulheres (uma maior autonomia em relação ao «relógio biológico»), e quem sabe se, à luz dessas boas notícias, e da maior confiança nas tecnologias em questão, a procura da existência *post-mortem* criogénica não aumentará? A existência criogénica pré-nascimento como zigotes congelados, depois como embrião congelado, um período que pode durar uns bons anos, depois a vida, e a seguir a nova existência criogénica *post-mortem*... O que é a vida? Um intervalo entre períodos de existência criogénica...?

(e também soviética) fossem contados (uma catástrofe demográfica, sem dúvida, sem falar da selecção da aristocracia, do clero, da *intelligentsia* e do oficialato para a exterminação preferencial, pelas duas potências invasoras: no caso do extermínio dessas camadas sociais pelos nazis, a intenção foi obviamente tornar a Polónia num país sem classes superiores no sentido eugenista). Nada de surpreendente neste último ponto para um positivista comtiano, pois Comte insistiu, numa frase que se tornou famosa, e foi citada muitas vezes, até por presidentes da República francesa, que a Humanidade, o «Grande Ser»⁷³ (o continuante de todos os seres humanos que já existiram ou existem agora) é composta maioritariamente de mortos (ainda é verdade, ou pelo menos era verdade até muito recentemente). O argumento polaco era que isso também seria verdade no caso das nações.

As *macroconsequências*, e deveríamos mesmo dizer as *megaconsequências*, na reconfiguração da sociedade resultantes das intervenções genéticas multiformes sobre os indivíduos e as famílias, ou as «externalidades» negativas difusas e intertemporais de tais actividades genoeconómicas – para o clima moral, para os sentimentos de equidade social, para o sentido da vida, para o sentido das instituições, para as nossas formas de convivência, pelo nosso reconhecimento mútuo como membros da mesma comunidade moral, da mesma comunidade de destino, da mesma espécie – parecem ser consideradas como estando para além da sua competência, ou seja da de quem for, ao passo que eram um alvo público claro da macroeugenia colectivista estatal de nível I.

A reprogenética⁷⁴ ou a engenharia do genoma das células estaminais engloba o que antes se denominava por eugenia negativa e eugenia positiva, incluindo portanto o aperfeiçoamento, talvez o aperfeiçoamento indefinido, de toda e cada qualidade ou atributo (físico, sensorial, motorial, cognitivo, comportamental), dos seres humanos, que tenha alguma base genética, podendo ser potenciada ou reforçada mesmo no decurso de uma vida, mediante a activação ou substituição de «superalelos» instalados pré-natalmente nos sujeitos geneticamente aperfeiçoados, de maneira a melhorá-lo/a geneticamente sucessivas vezes no espaço da sua vida. Pelo menos na medida em que o aperfeiçoamento genético consegue, em princípio, hoje em dia, ocorrer no tempo de uma vida de alguém que o deseje e o pague (suponho que será difícil conseguir empréstimos, mas quem sabe?), chegámos à fase

⁷³ Conceito citado favoralmente por J. B. S. Haldane em várias ocasiões.

⁷⁴ Termo cunhado por Lee Silver, seu defensor entusiástico.

em que a *auto-eugenia*, o melhoramento genético do capital biológico e atributos naturais de cada um, o projecto de acumulação do «capital natural» próprio do ser genético seria talvez a passagem a um eugenismo de nível III!

Tudo isto, claro, somado às outras técnicas da eufenia, não apenas a correcção mas o melhoramento do fenótipo de cada um, por meios tais como a cirurgia cosmética ou plástica, que foi desde o seu princípio tipicamente individualista.⁷⁵ Os padrões estéticos do corpo humano numa dada sociedade podem muito bem ser bastante uniformes, com um leque relativamente pequeno de variações aceitáveis, não obstante o movimento em prol da «liberdade morfológica» pela «medicina de modificação», que continua bastante minoritário pelo menos nas suas versões radicais (há muito menos «politeísmo dos valores» ou menos politeísmo de imagens ideais do corpo, nesta área, que em muitas outras da vida social e cultural contemporânea).

Como todas as outras tecnologias que jogaram um papel importante nas sociedades industriais, incluindo as biotecnologias, a clonagem reprodutiva humana provavelmente interagirá com estes desenvolvimentos tecnológicos por força da pressão da comercialização e mercantilização dos genes, alelos, esperma, óvulos, órgãos e partes do corpo [«a loja universal do corpo» (Kimbrell 1993 e 1996) e serviços de reprodução assistida, os serviços genéticos em geral (um mercado cada vez mais extenso e abrangente, e de escopo cada vez mais internacional)],⁷⁶ os «mercados de material de salvar vidas e dar vidas» (*markets of live-saving and life-giving material*) – assim como o clima moral e os horizontes de expectativas associados a estas tendências.

Avaliá-lo apenas em termos das «preferências» dos clonáveis parece bastante irrealista, independentemente do facto de que, apesar de

⁷⁵ Embora haja pelo menos uma distopia colectivista sobre este tipo de intervenção: (Hartley 1960). Reagindo contra o igualitarismo do pós-guerra na Grã Bretanha, com os governos trabalhistas de 1945 a 1951, e o clima moral que de certo modo persistiu mesmo depois de o Partido Conservador ter ganho as eleições de 1951 (quando no entanto o voto popular pelo Partido Trabalhista foi o maior de sempre, e nunca foi excedido desde então), o livro deste romancista distinto imagina uma distopia em que, para evitar distinções invejosas entre mulheres bonitas, feias e medianas (desigualdades em parte genéticas), um regime totalitário obriga todos as mulheres a serem sujeitas a cirurgia cosmética, para ficarem todas medianas na aparência física, e portanto acabar com a inveja, pelo menos neste domínio. Claro que a questão da inveja foi sempre crucial na apreciação das utopias, e Rawls teve mesmo de postular um mundo sem inveja na sua filosofia política.

⁷⁶ Ver Lori Andrews.

inúmeros desmentidos, a sugestão de que possam ser considerados determinados, dados como adquiridos, fixos, imperiosos, autónomos, consistentes ou transitivos, interligados e completos, um conjunto de propriedades que poderiam ser denominadas o tipo ideal do *Preferencialismo Platónico*, favorecido em determinada altura pelos economistas neoclássicos no estilo da escola de Chicago, propende para formas de raciocínio economórficas (isomórficas com os cânones da análise microeconómica). Repare-se, contudo, que este dogma foi sempre rejeitado pelo escola de economia neoliberal austríaca, que se inclina para um Preferencialismo Heraclítico, em que as preferências estão sempre a mudar consoante a situação ou, endogenamente, nunca são completas, ou necessariamente transitivas (no sentido lógico) ou bem definidas, embora ambas subscrevam o dogma do Indivíduo Absoluto, do Consumidor Soberano e do «Egoísmo Absoluto» (*absolute selfishness*).⁷⁷ Como dizia o economista Frank Knight, membro da Escola de Chicago, o que importa não são tanto as preferências brutas, mas ter melhores e melhores preferências, ser capaz de as rever, de as criticar, de examiná-las à luz dos nossos projectos de vida (que também estão sujeitos a processos de revisão⁷⁸). Agora o consumidor soberano sente-se no direito de aceder ao mercado dos genes/alelos/superalélos, como a qualquer outro mercado legal, o mercado do capital genético próprio, e especialmente da correcção e aperfeiçoamento do fundo de recursos genéticos para a descendência (senão para si próprio na sua própria vida), processo que se repetiria presumivelmente geração após geração. Sem falar dos mercados em expansão constante dos materiais biotecnológicos para salvar vidas e aperfeiçoar o corpo, de próteses cibórgicas ou fibórgicas, etc. Como cabe a uma era de mutabilismo ou panfluxionismo, da «arte no estado gasoso», de «corpos flexíveis» (Martin 1994) (os melhores para uma «economia flexível»), de «liberdade morfológica», de «eus proteicos» (com mudanças constantes de autodefinição, até ao ponto da exaustão)⁷⁹ (Lifton 1959), num mundo de «flexibilidade» ou insegurança laboral e mudanças organizacionais

⁷⁷ Uma expressão de uma pensadora russo-americana influente entre os libertários americanos, Ayn Rand, e que marcou pessoas eminentes, como o antigo *chairman* do Federal Reserve Bank, Alan Greenspan.

⁷⁸ Segundo a perspectiva da Teoria Crítica das Preferências esboçada pelo filósofo popperiano David Collingridge (cf. o meu texto).

⁷⁹ Sobre a exaustão dos «eus proteicos» numa era de superabundância de informações, experiências, oferta religiosa e espiritual de todo o mundo, oferta de tecnologias de modificação do corpo, etc., ver Gergen (1991).

permanentes, onde as relações sociais de todos os tipos são prevalentemente transientes⁸⁰ (Bennis e Slater 1968).

O projecto da clonagem reprodutiva humana parece incorporar a conjugação (nalguns casos incómoda) de dois grandes sonhos; um deles muito, muito antigo, e o outro recentemente trazido para o primeiro plano: o sonho da Cópia Perfeita e o sonho do Bebé Perfeito, combinados num ser perfeito (clonável), o Bébé-Cópia Perfeito, ou antes, num ser aperfeiçoável (mas claro que pode arrastar outras motivações de outros sonhos, de acordo com o princípio de Wundt da «heterogenia dos fins»). É uma, mas apenas uma, das formas em que está a evoluir aquilo a que podemos chamar o *perfeccionismo génico* (ou *transgénico*), provavelmente o mais saliente, atractivo e credível modo de perfeccionismo existente hoje no Ocidente depois do descrédito de todas as outras versões sociais e políticas, herdeiro de todas as visões falhadas de aperfeiçoamento radical e duradouro do ser humano por meios de reformas institucionais ou técnicas psicológicas/comportamentais/psicoterapêuticas/psicagógicas/enteogénicas.⁸¹ De facto, as «eupsíquias» ou utopias psicológicas, psicoterapêuticas ou psicagógicas, tornaram-se, a partir do século XVIII, uma corrente muito importante do utopianismo (Manuel e Manuel 1979) e ainda hoje têm muitos seguidores, especialmente nos EUA, pelo menos na forma de seitas e escolas de aperfeiçoamento pessoal, na seqüela do quase desaparecimento das comunas da contracultura dos anos 60.

No perfeccionismo ocidental, podemos distinguir duas versões fundamentais, uma na qual se busca a perfeição *funcional* (o melhor pianista, o melhor carpinteiro, o melhor jogador de futebol, o melhor surfista, e assim por diante) e a outra em que se busca a perfeição global da pessoa. Alguns geneticistas-eugenistas ainda pensam na perfeição funcional como um desiderato para a criação selectiva de seres humanos por analogia com a criação de animais ultra-especializados funcionalmente,⁸² outros preferem a perfeição global através da inte-

⁸⁰ Um dos livros mais proféticos escrito por sociólogos desde 1945, e no entanto pouco conhecido e citado.

⁸¹ Sobre a história da ideia da perfectibilidade humana no Ocidente, da Antiguidade Clássica à contracultura dos anos 60, ver John Passmore 1969, disponível, como todas as entradas desta obra muito útil, na internet. E o livro do mesmo autor com o mesmo título, Londres 1970 (reeditado em 2000), e Virginia L. Muller 1986.

⁸² Dawkins sugeriu que podíamos muito bem criar com técnicas reprogenéticas supermatemáticos ou supermúsicos, e não vê nenhum problema moral com a criação de «alfas» huxleyanos altamente especializados (recorrendo, como os eugenistas têm feito desde Galton, à analogia com a criação de animais: como criamos variedades de cães para as corridas, por exemplo, podemos fazer o mesmo com humanos, e ao argu-

ligência como factor-chave. Ainda não aprendemos a viver sem ilusões de onipotência e redenção intra-humana, como nos ensinaram tantos sábios, estóicos ou epicurianos, espinosistas ou kantianos. Estes não prezavam só a inteligência ou o conhecimento-poder, mas mais ainda a sabedoria, a contemplação, a rectidão, a dignidade, a piedade cósmica⁸³ a piedade natural. Viramo-nos para o perfeccionismo génico ou transgénico, ou qualquer outro tipo de perfeccionismo, como a via principal de superação de todas as nossas misérias e maleitas, da abolição do mal físico e intelectual. Trata-se de um perfeccionismo dirigido em primeira e última instância aos indivíduos. A autotransformação tecnologicamente induzida, a antropogénese secundária ou reflexiva em letra pequena e aos bocados, no estilo da engenharia genómica, germinal ou não, parece ser o caminho que nos espera nestas circunstâncias. Predominantemente, é a inteligência que é considerada como o desiderato crucial, a fonte ou pré-requisito de todas as outras qualidades desejáveis, embora por enquanto a beleza e a altura lhe façam muita concorrência, nos que procuram *designer babies*, os clientes dos bancos de esperma ou das agências de óvulos. Os que prevêem a trans-especiação em função da reprogenética pensam essencialmente na elevação dos níveis de inteligência, como muitos outros eugenistas do passado. A ideia de Dawkins de criar deliberadamente pela intervenção genética atletas, músicos e matemáticos do mais alto nível, por exemplo, sugere um modelo de reprogenética paralela ao da inteligência, mas ficamos sem saber quantas especializações funcionais ele gostaria que fossem promovidas assim. Seria talvez uma sociedade platónica de seres humanos criados para cumprir as suas variadas especialidades no pico da excelência, gerida por geneticistas como o equivalente dos Guardiães da visão platónica da *República*, senão os «reis-filósofos» (os únicos generalistas num mundo de especialistas criados para esse fim).

mento de que, se *treinamos* músicos, porque não *criá-los*?). Como também apoia a clonagem reprodutiva humana, possivelmente os dois empreendimentos poderão ser combinados na sua perspectiva. A insistência na analogia da eugenia humana com a criação de animais (uma variante de selecção artificial) de desporto especialmente, tem sido uma constante sobretudo entre os eugenistas britânicos desde Galton. Mas enfim, quem vai decidir estes modos de criação de seres humanos? Tudo isto é visto numa perspectiva em que os futuros seres humanos são concebidos simplesmente como produtos, como *designed humans* para uma finalidade específica. E quantos especialismos seriam escolhidos? Teríamos uma sociedade de tipo platonista, em que todos estão especializados por natureza, salvo os filósofos-reis ou cientistas-reis talvez.

⁸³ Uma das objecções cruciais de Bertrand Russell ao instrumentalismo de John Dewey era a falta de um sentido de «piedade cósmica».

O suposto fatalismo das sociedades camponesas em relação à Natureza, diagnosticado por muitos sociólogos e antropólogos nas décadas de 1950 e 1960, nos seus diagnósticos das resistências e obstáculos ao desenvolvimento, foi substituído largamente nas sociedades hipermodernas por uma espécie de *fatalismo da tecnologia*, com todas as suas ambiguidades. Curiosamente, se a natureza foi desnaturalizada, pois foi considerada como essencialmente maleável e apropriável por meios tecnocientíficos, pelo menos em princípio, a tecnologia foi naturalizada, no sentido de que a dinâmica tecnológica ou tecno-económica em curso, com os seus processos de criação destrutiva, é vista como uma espécie de grande «força natural» indomável e irresistível, do género das supererupções, dos grandes sismos ou dos *tsunamis* (equiparando assim o «sublime tecnológico» ao «sublime natural»), pelo antigo director do Media Lab do MIT, Nicholas Negroponte, seguido nesta terminologia, *ipsissimis verbis*, pelo Presidente Clinton e muitos outros. Desfatalizando a Natureza, fatalizamos a tecnologia... Talvez funcione aqui um princípio de conservação do fatalismo, como o historiador W. H. McNeil (um estudioso das epidemias e pandemias na história mundial) falou de um princípio de «conservação da catástrofe», mesmo num mundo científico-tecnológico... Neste contexto, a preocupação e a repugnância pela clonagem reprodutiva humana parecem ser absolutamente lúcidas, como mostrou o ensaio extraordinariamente eloquente de Leon Kass intitulado «The wisdom of repugnance». ⁸⁴ A resignação, pelo menos, parece inteiramente compreensível à luz da torrente de genopropaganda e empolamento das tecnologias reprodutivas, e a cada vez maior incorporação de todos os ramos da vida humana no mercado genotecnológico ou mercado de serviços genéticos; a subjugação de cada vez mais áreas de privacidade, intimidade e personalidade aos cânones «tecnológico-benthamianos» (F. R. Leavis), embora também se possa falar de «servidão voluntária», como na filosofia política (Étienne de la Boétie). Tudo no entanto em nome dos interesses e preferências do consumidor soberano e da liberdade de escolha (no mercado).

Em termos metafísicos, o Princípio da Plenitude operou no pensamento ocidental primeiro como uma celebração de uma Ordem Natural teológica, fixa e carregada de valores, depois como uma heurís-

⁸⁴ Leon Kass 1997. Livro publicado pela primeira vez na revista liberal (no sentido americano do termo) *The New Republic*, em 1997, republicado em vários sítios, incluindo *The human cloning debate* editado por Glenn Mc Gee (Berkeley, 2000) e em *The ethics of human cloning*, Washington DC, 1998.

tica para o processo evolucionista omnienvolvente e como um «princípio teleológico» das ciências em geral, ou como um «princípio da razão» (Lewis S. Feuer). Mais recentemente, operou como licença e mandato para o desenvolvimento tecnológico (embora ainda importante na cosmologia e no pensamento modal, na metafísica analítica do «realismo modal» de David K. Lewis). Na última forma, também é conhecido como o «imperativo tecnológico» (ou, numa versão mais restrita e mundana, como a «regra de Gabor»). Noutras versões ainda, surge como mandato imperativo, «poder fazer implica dever-fazer» (uma inversão da máxima kantiana de que só temos uma obrigação moral estrita de fazer o que é fisicamente possível na situação em que temos de agir,⁸⁵ identificada pelo teórico dos sistemas H. Ozbekahn).

Podemos deixar o Princípio da Plenitude Tecnológica seguir avante, ou podemos tentar delimitar fronteiras: existe um elemento de arbitrariedade em qualquer delimitação de fronteiras, naturais ou outras, mas isso não as torna necessariamente indefensáveis ou ilegítimas, já que qualquer tipo de vida viável pressupõe delimitações e fronteiras, naturais ou não, e esta liminaridade da passagem para a reprodução assexual de seres humanos e a produção deliberada de cópias genéticas, mesmo que «perfeitas», parece ainda mais claramente do que a maior parte, no que respeita às novas tecnologias reprodutivas, uma experiência absolutamente deslocada no sublime tecnológico, uma espécie de *tremendum*. É evidente que a afirmação de que envolve uma liminaridade, o cruzamento de importantes limiares metafisicamente significativos, uma mudança em algum parâmetro básico da existência humana, seria absolutamente rejeitada por muitos, se não todos os geneticistas e bioeticistas. Seria um disparate, contudo, interpretar este fosso hermenêutico e de valores como um combate maniqueísta entre dois campos, a favor e contra a ciência; os iluminados e os obscurantistas (a referência a Bertrand Russell devia ter sido suficiente para descartar esta suspeita); pela tecnologia e contra a tecnologia; pela Razão e contra a Razão. Parafraseando um ditado do matemático e filósofo Whitehead, o que distingue a pessoa civilizada é a sua posição firme a favor ou em defesa de algumas distinções e fronteiras em questões que a preocupam profundamente, por muito precárias ou discutíveis, mesmo quando esperam ser derrotadas. Dariam pelo menos o seu exemplo, o seu testemunho.

⁸⁵ O que não deve ser interpretado como implicando que seria imoral lutar por ideais admiráveis mas impossíveis (ver, por exemplo, N. Rescher, *Ethical idealism*). Aliás, como dizia Max Weber, se a política é a arte do possível, também podemos e devemos tentar expandir as fronteiras do possível.

Hoje mais do que nunca, numa conjuntura de liminaridades na antropogénese reflexiva, há que temer a modificação tecnológica do ser humano por seres humanos que, por assim dizer, assumiram a representação com alguma arrogância ou até mesmo desfaçatez, daquilo a que podemos chamar a *vontade colectiva da espécie humana em relação ao seu futuro genético*, com todas as suas implicações para a condição humana. Na medida em que se pode falar assim da vontade colectiva da espécie humana, poderíamos postular como a nossa presunção primária uma vontade global de permanecer *uma* espécie, e não de nos dividirmos em duas espécies inferiores e superiores, ou mesmo de mudar de espécie para uma outra espécie singular. Certamente, as pretensões da vanguarda eugenista hodierna de modificação da espécie para a constituição de uma nova espécie superior ou, ainda pior, da constituição de duas espécies, uma *gene-poor (gene-natural)* e outra *gene-rich* na terminologia do geneticista Lee Silver representam, na mais benévola das interpretações, uma espécie de «jacobinismo genético» ou um «jacobinismo antropológico» à escala mundial. Pouco importa se, em vez de espécies, se tratar de *castas* geneticamente definidas a asseguradas pela tecnologia genómica.

A nossa época geológica foi recentemente denominada por um químico laureado com o Prémio Nobel, o holandês Paul Crutzen, o Antropoceno, para marcar o papel geológico, geogónico, biosférico, de modificação da atmosfera, cada vez mais importante, do Homem.⁸⁶ Ele data o seu início a partir da máquina a vapor de James Watt, mais ou menos em 1760, e o crescente impacto do consumo de combustíveis fósseis (que começou com o mais poluente de todos, o carvão, que continua, mesmo hoje, a contribuir com a maior quota de dióxido de carbono para a atmosfera). A «revolução biológica» em curso poderia talvez conduzir ao Antropoceno II, uma época em que o Homem se tornaria o agente da sua própria modificação biológica, genética, radical e da sua própria evolução intra- e trans-especiente, em que a auto-evolução do Homem iria dominar a sua história ou pós-história. Muitos dos que partilharam a visão de uma evolução consciente e dirigida do Homem em geral pensavam em termos de uma solidariedade humana universal, solidariedade dos contemporâneos, solidariedade com as gerações anteriores, solidariedade, valor tão prezado, e justamente, pelo nosso homenageado: Bento de Jesus Caraça. Não é o caso hoje.

⁸⁶ Já vários geólogos dos fins do século XIX tinham falado do papel «geogónico» do Homem em séculos recentes (Thomas ed. 1964).

Estas tecnologias potentes, como as outras grandes tecnologias, podem hoje vir a exercer um despotismo sobre as gerações futuras sem precedente na história humana, até ao ponto de transformar a espécie radicalmente. Um humanismo científico responsável, sensível a esta problemática, não comprometido com o trans-humanismo e outras formas de não-humanismo, não será ainda talvez completamente inviável. «Humanismo científico» será talvez uma boa caracterização da postura do nosso homenageado, e bem precisamos de uma adaptação ou actualização desse humanismo científico na época da tecnociência de mercado, da civilização do gene, do século ou milénio da biotecnologia, ou da muito apregoada convergência ou confluência das tecnologias (biotecnologia, biologia sintética, nanotecnologia, computação, tecnologias de informação e de comunicação, Realidade Virtual, neurociência, neuroelectrónica) não só para a majoração (*enhancement*) dos humanos, do seu genoma e cognoma, mas bem mais radicalmente, para a superação da condição humana, no caminho para o pós-humano.

Anexo

Nos anos recentes, tem-se desenvolvido um mercado de óvulos com as *egg agencies*, décadas depois do surgimento dos bancos de esperma. Hoje, a procura de óvulos nos Estados Unidos é tão grande, que os preços chegam a umas dezenas de milhares de dólares, ou mesmo mais, nada desprezível para as estudantes universitárias ou jovens mães, muitas vezes carentes, as duas categorias preferidas das agências que tratam do assunto (os preços têm subido constantemente nos últimos trinta anos). Um indicador interessante do *ranking* das universidades americanas mais prestigiadas, segundo alguns autores, é o preço dos óvulos das *coeds* das respectivas universidades: quanto maior o preço, maior o *rank* da universidade em que as *coeds* respectivas estudam, e vice-versa. Os óvulos de uma estudante de Harvard valem mais, neste mercado (chegaram a ser avaliados em 50 000 dólares), que os de uma estudante de Yale, por exemplo, e bem mais do que as de Ohio State, e em geral os das não-harvardianas custavam há anos uma média de 5 ou 6000 dólares, e a American Society for Reproductive Medicine recomenda uma taxa de 5000 dólares (um banco de gametas americano chegou a cotar óvulos a 150 000 dólares).

Ainda estamos muito longe de um mercado desta extensão, ou desta qualidade, talvez, na Velha Europa, dado o atraso em criar o mercado de óvulos (o primeiro banco de óvulos do Reino Unido começou a

funcionar em Dezembro de 2004, e os diferenciais de preços em função da suposta qualidade genética das doadoras ainda não surgiram). Seja como for, trata-se de um indicador bem objectivo, pois são «sinais de mercado», a melhor informação, em princípio, segundo os economistas, e de qualquer maneira estamos a aproximar-nos de um mercado global de óvulos, mesmo que a zona de maior intensidade desse mercado por enquanto sejam os *campuses* universitários americanos. O mercado dos bancos de esperma, por contraste, é pobre, triste, e desprezado. A explicação desta assimetria entre os dois mercados de gâmetas humanos, de doadoras bem compensadas e estimadas, e de doadores mal pagos e não estimados, não é tão óbvia como pode parecer aos mais jocosos, pois os «custos» não são assim tão diferentes, e a oferta de óvulos é hoje maior, certamente em crescimento constante, e no entanto, ao contrário do que se poderia esperar das leis clássicas da oferta e da procura, são mais bem pagos que os gâmetas mais escassos.

Nestes casos, suponho que também se pode falar de selecção sexual, embora de uma variedade não antecipada pelos teóricos do assunto, dado que as tecnologias em causa não estavam ainda nem sequer em emergência, em que as mulheres são ao mesmo tempo agentes e recipientes, em que as mulheres escolhem os melhores óvulos no mercado para si próprias, para maximizar a qualidade da sua progénie, independentemente dos genes dos parceiros/doadores de esperma eventuais. No melhor dos casos, por assim dizer, teríamos *uma dupla maximização*: maximização da qualidade dos genes masculinos e maximização da qualidade dos genes femininos na procriação, em que as mulheres escolheriam os melhores óvulos e o melhor esperma (ou os genes do homem com o maior QI, por exemplo), para engendrar a melhor progénie, uma verdadeira utopia eugenista em vias de realização (mesmo sem as tecnologias de engenharia genética germinal). Uma utopia eugenista nunca, ao que parece, esboçada de antemão, certamente ultrapassando os sonhos de Wallace e Gilman (dependeria em parte, da extensão dos mercados respectivos). Antigamente, poderiam ser os dois gâmetas de doadores anónimos, verdadeiramente um fenómeno da «mão invisível», mais ainda se um dia conjugados com a ectogénese, a procriação extra-uterina da concepção até à viabilização do feto, com úteros artificiais, o que poderia tornar a reprodução biológica humana completamente anónima e invisível socialmente (curioso fenómeno na «sociedade transparente» e de vigilância de hoje, e certamente inédito, um *novum* na história das sociedades humanas). Recentemente, no entanto, em vários países, o anonimato dos doadores de esperma, se não a dos doadores de óvulos, foi proibido por lei, depois de ter sido a regra por várias décadas,

mudança que teve de superar a oposição de médicos e bioeticistas: a procura de muitos doadores de esperma pela sua progénie duas décadas depois da doação tornou esta mudança quase inevitável (comparável com os direitos das crianças adoptadas). «Doação», neste contexto, significa colocar à venda no mercado, não se trata em geral de oferta grátis altruísta, como a oferta voluntária, justamente celebrada, do sangue para transfusões no Reino Unido, embora também exista uma oferta altruísta, entre familiares, como seria de esperar (o «altruísmo» hamiltoniano de inclusive *fitness*), mas também entre estranhos (Almeling 2007, 319).

Referências bibliográficas

- Ackerman, Bruce. 1980. *Social Justice and the liberal State*. New Haven.
- Almeling, Rene. 2007. Selling genes, selling gender: egg agencies, sperm banks and the market in genetic material. *American Sociological Review* Junho: 319-340.
- Atlan, Henri. 2007. *L'úterus artificiel*. Paris.
- Bennis, Warren e Philip Slater. 1968. *The temporary society*, NY.
- Bucur, Maria. 2002. *Eugenics and modernization in interwar Romania*. Pittsburgh.
- Burleigh, Michael. 1994. *Death and deliverance: euthanasia in Germany, 1900-1945*. Cambridge.
- Carey, John. 1992. *The intellectuals and the masses*. Londres.
- Chakhotin, Sergéi. 1940. *The rape of the masses – the psychology of totalitarian political propaganda*. Londres.
- Crick, F. 1962. *Man and the Future*. Londres: CIBA Foundation.
- Darwin, Charles. 1871. *The descent of man*. Londres.
- Dronamraju, Krishna R. org. 1995. *Haldane's Daedalus revisited*. Oxford.
- Duster, Troy. 1990. *Backdoor eugenics*. NY.
- Dyson, Freeman. 1997. *Imagined worlds*. Cambridge.
- Dyson, Freeman. 2005. The Darwinian interlude. *Technology Review*. Março.
- Dyson, Freeman. 2007a. *A many-colored glass: reflections on the place of life in the universe*. Charlottesville VA.
- Dyson, Freeman. 2007b. Our biotech future. *New York Review of Books*, vol. 54, n.º 1.
- Flynn, James. 2007. *What is intelligence? Beyond the Flynn effect*. Cambridge.
- Flynn, R. e T. Vanhanen. 2002. *IQ and the wealth of nations*. Westport CT
- Galton, David R. 2003. *In our own image – Eugenics and the genetic modification of people*. Londres.
- Geary, James. 2002. *The body electric: an anatomy of the new bionic senses*. London.
- Genetic cross-roads – Newsletter of the center for genetics and society June 29, 2007.
- Gergen, Kenneth. 1991. *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life*. NY.
- Goody, Jack. 1984. *The development of the family and marriage in Europe*. Cambridge.
- Hamilton, W. D. 2002. *Narrow roads of gene land*. Oxford.
- Harris, John. 2007. *Enhanced evolution*. Londres.
- Harris, Marvin. 1979. *Cultural materialism: the struggle for a science of culture*. NY.
- Hartley, L. P. 1960. *Facial Justice*. Londres.

- Hudson, Valerie M. e Andrea M. der Boer. 2004. *Bare branches – the security implications of Asia surplus male population*. Cambridge Mass.
- Josephson, Paul R. 2000. *Red Atom: nuclear power in Russia from Stalin to today*. NY.
- Kass, Leon. 1997. «The wisdom of repugnance.» In *The human cloning debate*, ed. Glenn McGee. Berkeley.
- Kevles, David. 1995. *In the name of eugenics: genetics and the uses of human heredity*. Cambridge Mass.
- Kimbrell, Andrew. 1993. *The human body shop: the engineering and marketing of life*. NY.
- Kimbrell, Andrew. 1995. *The masculine mystique – the politics of masculinity*. NY.
- Kimbrell, Andrew. 1996. «Biocolonization.» In *The case against the global economy*, org. Jerry Mander e Edward Goldsmith. Londres.
- Kitcher, P. 1997. *The lives to come: the genetic revolution and human possibilities*. Londres.
- Lifton, Robert. 1959. *Protean Man*. NY.
- Lynn, R. 1996. *Dysgenics-genetic deterioration in modern populations*. Westport CT.
- Macmahon, Jeff. 2002. *The ethics of killing*. NY.
- Manuel, Frank e Frizzie Manuel. 1979. *Utopian thought in the Western world*. Cambridge Mass.
- Martin, Emily. 1994. *Flexible bodies: tracking immunity in American culture from the days of polio to the age of Aids*. Boston.
- Martins, Hermínio. 2003. «Aceleração, progresso e *experimentum humanum*.» In *Dilemas da Civilização Tecnológica*, org. Hermínio Martins e José Luís Garcia. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Martins, Hermínio. 2007. Ciência, medicina e guerra. *Revista de Comunicação e Linguagens* 38. Lisboa: FCSH-UNL.
- Muller, H. J. 1935. *Out of the night: a biologist's view of the futur*. Londres.
- Muller, Virginia L. 1986. *The idea of perfectibility*. Lanham MD.
- Nozick, Robert. 1974. *Anarchy, State and Utopia*. Oxford: Basil Blackwell.
- Olshansky, S. J. e Bruce A. Carnes. 2001. *The quest for immortality: science at the frontiers of ageing*. NY.
- Passmore, John. 1969. «The perfectibility of man.» In *Dictionary of the History of Ideas*, org. de Philip P. Wiener. NY.
- Passmore, John. 1970. *The perfectibility of man*. Londres.
- Plotz, David. 2006. *The genius factory – the curious history of the Nobel Prize sperm bank*. NY.
- Rachels, J. 1990. *Created from animals: the moral implications of Darwinism*.
- Rieff, Philip. 1961. *Freud: the mind of the moralist*. NY.
- Rothman, Barbara Katz. 1998. *Genetic maps and the human imagination – the limits of science in understanding who we are*. NY.
- Russell, Bertrand. 1931. *The scientific Outlook*. Londres.
- Shostak, S. 2002. *Becoming immortal: combining cloning and stem-cell therapy*. Albany NY.
- Shostak, S. 2006. *The evolution of death: why we are living longer*. NY.
- Sorfer, M. S. 1999. Myopia, intelligence, and the expanding human cortex. *International Journal of Neuroscience* 98:153-276.
- Thomas, W. ed. 1964. *Man's role in changing the face of the Earth*. Chicago.
- Toye, John. 2000. *Keynes on population*. Oxford.
- Uexkull, J. Von. 1986. *Varieties of realism*. Oxford.
- Weikart, Richard. 2004. *From Darwin to Hitler: evolutionary ethics, eugenics and racism in Germany*. London.
- Wootton, Barbara. 1959. *Social science and social pathology*. Londres.

Agora é toda a humanidade que é chamada a resolver o seu próprio problema, está tudo em causa, há que refazer tudo, e por isso o nosso tempo é o mais perturbado e inquieto de todos os tempos que o homem tem vivido. A ocasião é única também para realizar finalmente um grande passo na síntese grandiosa do indivíduo e da colectividade... Conseguirá a humanidade, num grande estremecimento de todo o seu imenso corpo, tomar finalmente consciência de si mesma, revelar a si própria a sua alma colectiva, feita do desenvolvimento ao máximo, pela cultura, da personalidade de todos os seus membros? Eis a grande tarefa que está posta, com toda a sua simplicidade crua, à nossa geração – *despertar a alma colectiva das massas*. Ou ela a realiza e ascendemos a um estado superior de *unidade*, ou fracassa, e amanhã assistiremos a um novo gesto de renúncia e o individual continuará a sobrepor-se ao colectivo numa adulteração criminosa da moral social. Precisamos, para não trair a nossa missão, de nos forjarmos personalidades íntegras, de analisarmos o nosso tempo e de actuar como homens dele. Como homens que sabem distinguir o fundamental do acessório, que, na resolução de um problema, não se deixam perder no emaranhado dele, nem cegar pelas nuvens de fumo que os interessados pela sua não solução a todo o momento e infatigavelmente lançam.

Bento de Jesus Caraça, *A Cultura Integral do Indivíduo – Problema Central do Nosso Tempo*, 1933.